

GENgiBRe

## Projeto GENgiBRe

“Relação com a natureza e igualdade de gênero. Uma contribuição à teoria crítica a partir de práticas e mobilizações feministas na agroecologia no Brasil”

# Guia metodológico



Versão 2

Junho 2025



Este Guia metodológico é o resultado de muitas discussões teóricas, práticas e políticas entre a equipe do projeto GENgiBRe durante o período de março de 2021 a fevereiro de 2022. É, portanto, o resultado de um trabalho de muitas mãos! Participaram nessas discussões: Alair Ferreira de Freitas, Alessandra Bernardes Faria Campos, Clara Teixeira Ferrari, Elisabeth Maria Cardoso, Gláucia dos Santos Marques, Hélène Guétat-Bernard, Héloïse Prévost, Irene Maria Cardoso, Isabelle Guérin, Isabelle Hillenkamp, Liliam Telles, Luana de P. S. e Figueiredo, Maria Alice F. C. Mendonça, Miriam Nobre, Natália Lobo, Roberta Cardoso, Sarah Luiza de Souza Moreira e Sheyla Saori Iyusuka.

Organização: Isabelle Hillenkamp.

Revisão: Héloïse Prévost e Natália Lobo.

Revisão linguística: Thalita Rody.

@Copyleft. Liberdade para usar, estudar, copiar e compartilhar esse Guia com outros.

GENgiBre, projeto ANR-20-CE41-0002. Financiamento principal: Agência Nacional de Pesquisa (*Agence Nationale pour la Recherche*, França).

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Nível 1 – Nos espaços de vida e de trabalho das agricultoras .....</b>	<b>5</b>
<b>Etnomapeamento Feminista .....</b>	<b>6</b>
1) Apresentação .....	6
2) Roteiro .....	8
<b>Questionário socioeconômico com a agricultora .....</b>	<b>19</b>
3) Apresentação .....	19
4) Roteiro .....	20
<b>Questionário socioeconômico com homem da casa .....</b>	<b>26</b>
1) Apresentação .....	26
2) Roteiro .....	27
<b>Entrevista semiestruturada com a agricultora .....</b>	<b>33</b>
1) Apresentação .....	33
2) Roteiro .....	34
<b>Entrevista semiestruturada com homem da casa .....</b>	<b>38</b>
1) Apresentação .....	38
2) Roteiro .....	39
<b>Nível 2 – Nos territórios vividos pelas agricultoras.....</b>	<b>43</b>
<b>Rio da Vida do Território.....</b>	<b>44</b>
1) Apresentação .....	44
2) Roteiro .....	46
<b>Cartografia Socioambiental Feminista .....</b>	<b>49</b>
1) Apresentação .....	49
2) Roteiro .....	50
<b>Mapa “Corpo-Território” .....</b>	<b>53</b>
1) Apresentação .....	53
2) Roteiro .....	55
<b>Nível 3 – Nos espaços de construção dos territórios.....</b>	<b>59</b>
<b>Pesquisa documental, observação e entrevistas.....</b>	<b>60</b>
1) Apresentação .....	60
2) Roteiro .....	62
3) Especificação adicional por instrumento .....	63
<b>Caravana agroecológica e feminista.....</b>	<b>66</b>
1) Apresentação .....	66
2) Roteiro .....	69

GENgiBRe

## Introdução

O projeto de pesquisa GENgiBRe, “Relação com a natureza e igualdade de gênero. Uma contribuição à teoria crítica a partir de práticas e mobilizações feministas na agroecologia no Brasil” (2021-2025), visa compreender a relação que agricultoras agroecológicas constroem com a natureza e o papel que esta relação pode desempenhar em seu engajamento em defesa do território e contra diversas formas de discriminação. Envolve uma equipe franco-brasileira que reúne pesquisadoras, professoras/es universitárias/os, técnicas e ativistas que atuam no campo da agroecologia e do feminismo sob diferentes perspectivas teóricas e políticas, além de organizações acadêmicas e da sociedade civil<sup>1</sup>. O projeto é desenvolvido junto a grupos e coletivos de mulheres organizados em defesa da agroecologia nos municípios de Barra do Turvo, Itaoca e Peruíbe (Vale do Ribeira, SP) e de Simonésia, Divino e Acaiaca (Zona da Mata, MG)<sup>2</sup>.

O projeto GENgiBRe se situa em uma abordagem *crítica* do conhecimento, como expressão de relações de poder e, também, em uma concepção *pragmatista* do conhecimento, como resultado de operações primeiramente práticas, que envolvem comunidades de pesquisadoras/es, acadêmicas/os e não acadêmicas/os. Distancia-se da concepção formal dominante do conhecimento como resultado supostamente neutro de operações abstratas de raciocínio. Na epistemologia crítica e pragmatista, ao contrário, a pesquisa de campo e sua metodologia estão no centro do processo de construção e socialização do conhecimento. A definição do método de pesquisa, portanto, merece um cuidado especial e constitui um importante resultado. É, também, um processo interativo, que parte de instrumentos existentes, criados por outras comunidades de pesquisadoras e pesquisadores com objetivos similares, e que são ajustados para novos fins. Assim, no projeto GENgiBRe, nos baseamos em instrumentos importantes desenvolvidos no campo do feminismo e da agroecologia, como o Mapa da Sociobiodiversidade<sup>3</sup>, o Rio da Vida<sup>4</sup> e a Cartografia Social Feminista<sup>5</sup>. Neste sentido, este

---

<sup>1</sup> O IRD-Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento da França, a UFV-Universidade Federal de Viçosa, o CTA/ZM, Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, a SOF-Sempreviva Organização Feminista e a Universidade de Toulouse (França).

<sup>2</sup> A RAMA (Rede Agroecológica de Mulheres Agricultoras) de Barra do Turvo; o SINTRAF (Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar) de Simonésia; o STR (Sindicato de Trabalhadores Rurais) de Acaiaca; a UMPES (União de Mulheres Produtoras da Economia Solidária) e a UMA (União de Mulheres Agricultoras) de Peruíbe; a UAAI (União Agroecológica de Mulheres Agricultoras de Itaoca); e o grupo de mulheres de Carangolinha de Cima, em Divino. Ver a apresentação do projeto na página [www.gengibre.org](http://www.gengibre.org)

<sup>3</sup> <https://ctazm.org.br/bibliotecas/guia-metodologico-da-caderneta-agroecologica-294.pdf>

Guia apresenta os novos instrumentos desenvolvidos no projeto GENgiBRe, para uso da equipe do projeto e de outras comunidades de pesquisadoras/es interessadas/os.

O projeto GENgiBRe se integra na teoria crítica ou ciência emancipatória, uma vez que tem o propósito de produzir conhecimentos que contribuam para as mobilizações feministas e agroecológicas, na intersecção entre a universidade, a sociedade civil organizada e os poderes públicos interessados. Chamamos de “pesquisação” a abordagem que consiste em colocar a construção do conhecimento (pesquisa) a serviço da mudança social (ação). Esta articulação é construída de muitas maneiras, desde a constituição da nossa equipe, as interações com as atrizes e atores sociais durante a pesquisa, as atividades coletivas, até as formas de compartilhar e debater os resultados. A definição dos instrumentos desempenha um papel destacado na articulação da pesquisa e da ação através de formas, particularmente gráficas (desenhos, mapas, esquemas), usadas para construir os conhecimentos e que possibilitam socializá-los e debatê-los.

Para a definição desses instrumentos, distinguimos três níveis de observação: 1) o nível do espaço de trabalho e vida de cada agricultora e das relações, sobretudo familiares e comunitárias, que o atravessam; 2) o nível dos territórios vividos pelas agricultoras organizadas em coletivos – em geral, o nível comunitário municipal, com possíveis incursões em espaços mais amplos; 3) as escalas mais amplas (regional, nacional, até internacional) em que a construção desses territórios acontece (por exemplo, através da regulamentação do Estado, da ação de empresas, da organização de movimentos sociais etc.). Cada nível tem suas/seus próprias/os interlocutoras/es e instrumentos de pesquisa individuais ou coletivos.

- No primeiro nível, usamos três instrumentos: um *Etnomapeamento Feminista*, elaborado a partir de uma caminhada pelo espaço de vida e trabalho da agricultora, em que ela visibiliza sua relação afetiva com esse espaço, seus manejos agrícolas, seus conhecimentos e sua produção, considerando a divisão sexual desse espaço e os fluxos econômicos que o atravessam; um *questionário socioeconômico*; e uma *entrevista*. Para entender os papéis femininos e masculinos e as relações de gênero no espaço, é importante que o questionário e a entrevista sejam aplicados com a agricultora e com um “homem da casa” (se houver), em geral, seu companheiro.

---

<sup>4</sup> Moreira Sarah Luisa, Ferreira Ana Paula & Siliprandi Emma (2018). “Memórias das mulheres na agroecologia do Brasil”. In G. Zuluaga Sánchez, G. Catacora-Vargas, & E. Siliprandi (Eds.), *Agroecología en femenino. Reflexiones a partir de nuestras experiencias* (pp. 61-74). La Paz, Bolivia: SOCLA, CLACSO.

<sup>5</sup> Egger Daniela, Jalil Laeticia et Castro Emanuela (org.) (2017), *No tempo das mulheres: a experiência da cartografia feminista no contexto da assistência técnica rural*, Recife, UFRPE/UAST et al.

- O segundo nível também se baseia em três instrumentos, os quais são aplicados com os coletivos de agricultoras: um *Rio da Vida do território*, que reconstrói as trajetórias pessoais e coletivas das agricultoras relacionadas aos problemas socioambientais do território e às suas respostas; uma *Cartografia Socioambiental Feminista*, que mapeia esses problemas e as respostas no território; e um *mapa “Corpo-Território”*, que reflete como esses processos são sentidos pelas agricultoras a partir do próprio corpo e da relação entre o corpo e o território (os efeitos do trabalho, as consequências de danos ambientais, os afetos e as dinâmicas ligadas ao ganho de autonomia).
- O terceiro nível aborda os espaços mais amplos de construção do território a partir de um guia de *observação* usado em reuniões ou eventos; de um roteiro de *entrevista semiestruturada* com interlocutoras/es-chave; e de um método de construção de Caravana agroecológica e feminista.

A questão da relação com a natureza situa-se na **intersecção destes três níveis**: uma relação construída coletivamente, por meio de projetos, mobilizações, resistências e outros tipos de respostas aos problemas e conflitos socioambientais do território, eles próprios produzidos em diferentes escalas; e uma relação vivida pessoalmente por mulheres e homens, por meio do trabalho agrícola, do cuidado, da alimentação, da cozinha, dos gestos e das tarefas da vida cotidiana.

A apresentação a seguir dos instrumentos de pesquisa é organizada por nível de análise. Para cada instrumento, respondemos às perguntas básicas de “o quê”, “para quê”, “como fazer” e “como registrar” e, então, detalhamos o roteiro. A ordem de exposição corresponde a uma possível ordem de aplicação dos instrumentos dentro de cada nível. Já entre os três níveis, não há uma ordem específica de aplicação dos instrumentos: os níveis podem ser intercalados de acordo com o processo específico da pesquisa e com as relações com as atrizes e os atores locais.

Em relação ao primeiro nível, começar com o *Etnomapeamento Feminista* é interessante porque o instrumento possibilita a imersão no mundo da agricultora, o que muitas vezes revela testemunhos importantes, inclusive sobre questões sensíveis, como a violência de gênero. Assim, é muitas vezes durante esta caminhada – particularmente no espaço-chave do quintal – que a agricultora “responde” espontaneamente algumas perguntas da entrevista que ainda não foram feitas. Durante a entrevista, a equipe de pesquisa pode, então, simplesmente completar as respostas. No segundo nível, a ordem de aplicação dos instrumentos depende muito do grau de organização das agricultoras e do grau de aproximação da equipe. Começar com o Rio da Vida pode ser uma base interessante

para reconstruir e compartilhar uma história comum para, em seguida, aplicar os outros instrumentos. No terceiro nível, a ordem da aplicação dos instrumentos é flexível, em função do acesso à documentação, às oportunidades de observação e de entrevista e à progressão da análise do contexto.

Finalmente, sinalizamos que a sistematização dos dados em tempo real da pesquisa é importante, uma vez que possibilita o refinamento das perguntas a partir de uma compreensão apurada do contexto, evitando, ainda, a repetição de perguntas que já tenham sido respondidas. O método do Círculo de Cultura<sup>6</sup>, em que cada pessoa da equipe socializa suas impressões do campo, ajuda a identificar as principais perguntas ou características e as questões-chave para a próxima etapa da pesquisa. Esta socialização pode ser realizada até mesmo no carro, no trajeto de volta da casa da agricultora ou da atividade. As impressões podem ser gravadas em áudio, para facilitar a sistematização posterior.

Boa leitura!

---

<sup>6</sup> Método desenvolvido por Paulo Freire, que parte do pressuposto da construção do conhecimento por meio do diálogo. Apresentação sintética disponível em: <https://eventos.ifpb.edu.br/index.php/v-enex/index/pages/view/c%C3%ADrculos%20de%20cultura>



## Etnomapeamento Feminista

### 1) Apresentação

#### 1.1 O quê?

Um instrumento composto e potente, que inclui:

- uma caminhada transversal pelo espaço de vida e trabalho da agricultora;
- um “desenho” deste espaço sob a perspectiva da agricultora;
- a qualificação dos tempos e das relações de afeto e espirituais da agricultora com a natureza nesse espaço;
- a qualificação das relações de gênero no nível intrafamiliar, por meio da divisão sexual do trabalho e do espaço;
- um levantamento dos fluxos econômicos (ou “ecológico-econômicos”) dentro do espaço e para fora.

O Etnomapeamento constitui uma representação da agricultora, feita por ela própria, a partir dos nomes e limites entre os subespaços usados por elas, dos seus respectivos tamanhos, das lógicas ou atribuições específicas (espaços de trabalho, lazer, de cuidados, estético, afetivo, espiritual etc.), da diversidade vegetal e animal percebida por ela.

O produto pode ser chamado de “desenho” (mais do que “mapa”), pois não pretende considerar as escalas e proporções exatas. É a própria representação da agricultora, e não uma representação padronizada.

A equipe pode intervir se a agricultora tiver dificuldades com este tipo de representação; às vezes, outra pessoa da família intervém (quer seja convidada ou não!). Neste caso, o desenho será uma mistura de pontos de vista e será necessário registrar este aspecto.

#### 1.2 Para quê?

O Etnomapeamento Feminista permite um primeiro nível de percepção da relação da agricultora com a natureza, mediada pelo trabalho, pelos conhecimentos, por técnicas e práticas agrícolas. Dá

acesso à forma como a agricultora concebe seu próprio espaço de vida e trabalho. É, portanto, a base para entender qual relação ela estabelece com seu ambiente imediato.

Além disso, as relações intrafamiliares de gênero são um fator explicativo dos espaços de autonomia *versus* as limitações das mulheres, muitas vezes ligadas a relações afetivas ou espirituais associadas a lugares específicos.

Os fluxos econômicos internos e externos mostram a dinâmica do espaço de trabalho e vida em sua relação com o entorno imediato (fluxos recíprocos com vizinhas/os, parentes etc.) e mais além (mercados, varejistas etc). Ajudam a compreender as relações econômicas que mantêm ou, ao contrário, destroem a relação das agricultoras com a natureza.

Finalmente, o instrumento permite a visualização de problemas socioambientais que podem existir no nível local (por exemplo, conflitos por água ou uso de agrotóxicos com vizinhas/os). De forma geral, o Etnomapeamento Feminista é um instrumento de pesquisa que visibiliza e propicia a reflexão sobre vários temas, desde a organização da produção e da diversificação, as relações econômicas, a divisão sexual do espaço até os problemas socioambientais.

### 1.3 Como fazer?

- A visita começa com a caminhada transversal e continua com o desenho do espaço de trabalho e vida. A partir deste ponto, a ordem das perguntas restantes (qualificação dos tempos e dos afetos/espiritualidade; das relações de gênero; e dos fluxos econômicos) é flexível.
- Para além das perguntas do roteiro (ver abaixo), a caminhada e a elaboração do desenho são momentos propícios para depoimentos espontâneos da agricultora, os quais precisam ser anotados.
- Durante a caminhada, são registrados, por meio de fotos, os subespaços (quintal, horta, roça, galinheiro, cozinha), mostrando a produção, as técnicas e os manejos específicos.
- Equipe: dupla de ciências agrárias (conduz a caminhada) e ciências sociais (anota e registra por meio de fotos).
- É importante, também, solicitar autorização para gravar. A gravação é usada para ouvir novamente algumas respostas e para recuperar citações.
- Material: gravador, 01 cartolina, 03 tarjetas A4 de papel colorido, lápis com borracha, canetas de cores diferentes, adesivos, máquina fotográfica.

- Duração aproximada: 1,5 dia (01 período para a caminhada, 01 período para o desenho e a qualificação, 01 período para fluxos e fechamento).

## 1.4 Como registrar

- Caminhada transversal: relatório respondendo às perguntas do roteiro na base de notas, gravação e registro fotográfico.

Formato dos dados: .doc, mp3, jpeg.

- Desenho do espaço de trabalho e vida: fotografias após cada etapa (foto geral, detalhes etc.), relatório respondendo às perguntas do roteiro e registro dos fluxos econômicos em tabelas de Excel.

Formatos dos dados: .doc, mp3, jpeg, xls.

## 2 Roteiro

### 2.1 Caminhada transversal

Caminhamos pelo espaço de vida e trabalho da agricultora. Ao iniciar a caminhada, explicamos os espaços – incluindo a cozinha e alguns espaços que podem estar fora da propriedade, como espaços colheita de plantas selvagens – e os manejos que nos interessam conhecer. Em seguida, deixamos a agricultora livre para nos conduzir e interagimos a partir da sua fala e do nosso roteiro, selecionando as perguntas a serem reforçadas em cada espaço.

Observação: as perguntas orientadoras têm o objetivo de contribuir no aprofundamento de cada tópico, mas não devem ser lidas. A forma de fazer as perguntas precisa ser sempre contextualizada e a ordem pode variar. É possível que surjam temas importantes que não foram previstos no roteiro; para isso, é importante propiciar, ao longo da atividade, momentos de silêncio.

#### 1. Organização dos cultivos

Como você cultiva – por exemplo, em linha, espalhado, misturado, em consórcio, em agrofloresta? Por que você organiza dessa forma? Como escolhe o que vai plantar e onde vai plantar? Tem algo que gosta mais de plantar e cuidar? Por quê?

#### 2. Manejo do solo

Como você conhece o solo? Como o descreve (macio, argiloso, gostoso, seco, gordo etc.)? Como percebe se o solo é bom? Como você prepara o solo? O que você usa de adubação? E de cobertura? Usa análise de solo?

### **3. Percepção e manejo das árvores**

Quais são os conhecimentos sobre as árvores? Como é feito o manejo nas árvores, seja no pomar, na agrofloresta, na mata? Quais são os critérios? Como você percebe a influência das árvores/matras/capoeira na produção e no espaço de trabalho e vida?

### **4. Irrigação**

Faz algum tipo de irrigação? Como? De onde vem a água? Como é a água aqui (quantidade e qualidade)? Qual quantidade de trabalho envolvida para manter a quantidade e qualidade da água necessária?

### **5. Criação animal**

Quais animais são criados e quantos? Como é a alimentação dos animais? Como ocorre o cuidado com eles, em particular, o controle de doenças? A produção animal se integra à produção agrícola? De que forma?

### **6. Produção e uso de insumos agrícolas**

Quais tipo de sementes, mudas, adubos ou outros tipos de insumos você usa? São produzidos e guardados por quem?

### **7. Controle de doenças e infestações dos vegetais**

Você tem algum problema com insetos (por exemplo, formigas) ou doenças nas plantas? Como você lida com isso?

### **8. Plantas medicinais, coleta e extração**

Você cultiva ou coleta plantas medicinais? Coleta ou extrai alguns outros elementos (como sementes, argila, solo para substrato de mudas, casca de árvores, madeira)? Como você aproveita estes elementos (por exemplo, para tintura, chá, xarope, pomada, emplasto com plantas medicinais ou outros)?

### **9. Alimentação**

Quais receitas você faz no dia a dia? E quando vem visita? De onde você tira os ingredientes? Quando o alimento dá em grande quantidade, como faz para não estragar (doces, polpa congelada, conservas, farinhas, carne seca/de lata etc.)?

## 2.2 Desenho do espaço de trabalho e vida

Introduzir explicando que o importante é conhecer a percepção da agricultora sobre os espaços, e não a escala ou localização exatas. Pedir à agricultora que desenhe seu espaço de trabalho e vida na cartolina. Se for difícil, a equipe pode sugerir que comece o desenho representando a casa, ou a estrada, ou o quintal, um rio, para quebrar a representação do papel branco.

- Delimitar os subespaços (casa, cozinha, horta, quintal etc.) relevantes para ela, com os nomes que costuma usar;
- Indicar as infraestruturas (estufa, caixa d'água e "mediadores de fertilidade", como compostagem e minhocário) que ela compreende como relevantes;
- Indicar a diversidade vegetal e animal relevante para ela em cada espaço.

Observação: parte da informação sobre diversidade poderá ser adiantada pela equipe a partir das anotações da caminhada transversal. Por outro lado, **não há necessidade de um levantamento exaustivo** (apenas o que for relevante para a agricultora). São usadas as categorias (verduras, legumes, frutas, temperos, animais, plantas medicinais, flores etc.) e os nomes indicados pela agricultora.

Além disso, a equipe anota:

- A divisão dos espaços elaborada pela agricultora (caso não tenha ficado explícito no desenho);
- Informações sobre o processo de elaboração do desenho: quem estava presente, se houve ajuda ou "interferência" da equipe ou de outra pessoa (filha, marido etc.), como foi para ela desenhar – se achou fácil, difícil, bom ou ruim e por quê.

## 2.3 Tempos e afetos/espiritualidade

A partir do desenho elaborado pela agricultora, a equipe faz as seguintes perguntas:

1. Em quais espaços você passa mais tempo? E em quais passa menos tempo?  
– Estes espaços serão sinalizados no desenho mediante símbolo de relógio.
2. Por que os espaços em que você passa mais tempo são esses?

3. Em qual espaço você se sente mais próxima à natureza? Por quê?

Observação: esta pergunta deverá ser formulada de **forma contextualizada**. É importante tentar perceber, ao longo da caminhada, o que a natureza significa para a pessoa: terra, plantas, árvores, mato, animais, águas, afetos, espiritualidade, recurso?

4. Há algum espaço, algum uso das plantas ou alguma outra prática que tem uma importância afetiva ou espiritual para você?

5. Há algum espaço que você se sente mais ou menos confortável? Por quê?

## 2.4 Relações de gênero (divisão sexual do trabalho e do espaço)

Para cada espaço do desenho, qualificamos, junto com a agricultora:

- A quantidade de trabalho dela e do companheiro (ou outra/s pessoa/s da casa) usando 0, 01, 02 ou 03 adesivos de enxadas de cores diferentes;
- O grau de decisão dela e do companheiro (ou outra/s pessoa/s da casa) usando 01 adesivo de ícone feminino e/ou masculino.

Além disso, perguntamos:

1. Quais trabalhos você mais gosta de fazer?
2. Quais trabalhos você não gosta de fazer?
3. [Nos espaços onde a agricultora tem protagonismo de trabalho e/ou de decisão] Por que você é responsável pelos trabalhos e/ou pela decisão?
4. [Nos espaços onde o protagonismo de trabalho é compartilhado] Você considera a divisão de tempos e funções justa? Se não, o que você faria diferente?

## 2.5 Fluxos econômicos

Esta parte tem como objetivo especificar os fluxos econômicos (ou “ecológico-econômicos”) internos e externos ao espaço de trabalho e vida.

Observação: aqui, o espaço de trabalho e vida é considerado do ponto de vista de um agroecossistema.

Os fluxos internos correspondem:

- Ao autoconsumo de alimentos pela família (registrado com setas de cor amarela);

- Aos produtos de um subsistema que tornam-se insumos para outro (por exemplo, palha do milho usada como cobertura de solo na horta; são registrados com setas de cor laranja).

Os fluxos externos correspondem às entradas e saídas do espaço de trabalho e vida. Distinguimos estes fluxos por *tipo de relação econômica* (ou “princípio de integração econômica”, segundo Karl Polanyi<sup>7</sup>). Correspondem:

- À relação de *mercado* (folha A4, “Mercado”, colada abaixo do desenho, para que haja espaço para as anotações, setas de cor azul);
- À relação de *reciprocidade* – uma relação de mão dupla, com algum grau de horizontalidade (folha A4, “Troca e Doação”, colada à esquerda do desenho, setas de cor vermelha);
- À relação de *redistribuição* – relação centro-periferia, com um grau de verticalidade (folha A4, “Distribuição”, colada à direita do desenho, setas de cor verde).

Observações:

- As relações econômicas podem envolver pessoas ou organizações (Estado, empresa, igreja etc.);
- As relações econômicas reais costumam corresponder a mais de um dos ideais-típicos acima. Assim, é importante identificar o tipo dominante nas folhas nas bordas do desenho e incluir uma qualificação mais precisa no registro final, se for preciso;
- O princípio de *householding* (4º princípio de integração econômica, segundo Polanyi) é visível nos fluxos internos;
- Temporalidade dos fluxos (internos e externos): a princípio, devem ser registrados os fluxos atuais, mas pode incluir elementos de fluxos passados à medida que persistem até hoje (por exemplo, cisterna de programa público que segue sendo usada);
- Nível de detalhamento dos fluxos externos: é importante identificar de quais subsistemas saem para poder analisar, em particular, se são “femininos” ou “masculinos”.

## Modo operacional

### 1: Fluxos internos

- A equipe pergunta pelas saídas e entradas de cada subsistema identificado previamente (elaboração do desenho). Uma pessoa **da equipe** (e não a própria agricultora) desenha uma

---

<sup>7</sup> Polanyi, Karl, *A Grande Transformação. As Origens de Nossa Época*. Leya, 2013. Ver o capítulo 4.

única seta entre os dois subsistemas e outra pessoa da equipe qualifica o fluxo no caderno de anotação, elencando os produtos (possibilidade de usar matriz de entrada e saída, ver formato abaixo).

Observação: os fluxos são, devido à grande quantidade, documentados em dois lugares: no desenho, por meio das setas, e no caderno de anotação (matriz).

## 2: Fluxos externos

- A equipe, nessa etapa, faz o levantamento dos nomes das pessoas ou das organizações com as quais há uma relação econômica (por exemplo, Mercado: PAA, rede de comercialização, sindicato, mercado X; Troca e Doação: vizinhos e parentes; Distribuição: projeto X, governo municipal). Em seguida, escreve os nomes nas folhas correspondentes na borda do desenho, agregando as organizações, quando preciso (por exemplo, mercado de compra de alimentos, sem distinguir as lojas).
- Uma pessoa da equipe desenha as setas entre os subsistemas e estas organizações ou pessoas e outra pessoa da equipe anota os produtos correspondentes no caderno.

Observação: pode ser necessário simplificar alguns dados, como anotar apenas os principais produtos comprados do mercado ou agrupar produtos (verduras da horta, por exemplo). O objetivo é que os dados que revelem o grau de autonomia econômica sejam bastante detalhados, para entender qual é este grau e para descrever as relações econômicas da família, distinguindo o feminino e o masculino.

### Reflexão final:

1. Quantificação: Quais relações econômicas você considera mais importantes? Por quê?
2. Quem é envolvido nestas relações (você, seu companheiro etc.)? E quem recebe ou decide sobre uso do seu retorno (autonomia dentro da família)?
3. Você acha que essas relações econômicas – as principais – são justas (por exemplo, o preço do mercado, troca de dias)?





### Matriz de entradas e saídas dos fluxos de Troca e Doação

Escrever os nomes das pessoas/organizações que têm relações de Troca e Doação e dos subsistemas relacionados na 1ª coluna e na 1ª linha. Qualificar os fluxos (nomes dos produtos, alguma outra informação) nas respectivas caixas.

Sai/Entra											

**Matriz de entradas e saídas dos fluxos de Distribuição**

Escrever os nomes das pessoas ou organizações que têm relações de Distribuição e dos subsistemas correspondentes na 1ª coluna e na 1ª linha. Qualificar os fluxos (nomes dos produtos, alguma outra informação) nas respectivas caixas.

Sai/Entra												

**Exemplo de matriz (relações de Mercado)**

Sai/Entra	Lavoura de milho	Lavoura de Café	Horta	PAA via cooperativa	REDE	Loja de fertilizantes	Atravessador
Lavoura de milho				Milho, feijão			
Lavoura de café							Venda anual x sacos, qualidade e preço definidos pelo atravessador
Horta					Verduras entregadas semanalmente		
PAA via Cooperativa							
REDE	Sementes						
Loja de fertilizantes		Compra de adubo anual valor x					
Atravessador							

## Questionário socioeconômico com a agricultora

### 3 Apresentação

#### 3.1 O quê?

Um questionário para coletar dados básicos sobre a agricultora, o espaço de trabalho e vida da família e as outras pessoas que moram na residência e/ou trabalham na unidade produtiva.

#### 3.2 Para quê?

Serve para contextualizar as outras observações e ajuda a aplicar os outros instrumentos utilizados.

A última pergunta, sobre as fontes de financiamento da família, serve para avaliar o grau de endividamento. Essa informação é importante para testar a hipótese de que este grau é, geralmente, baixo na agroecologia, diferente do restante do setor da agricultora familiar, em que os investimentos e a compra de insumos do mercado podem gerar sobre-endividamento. O grau de endividamento pode constituir um “demarcador de águas” entre o modelo agroecológico e de agricultura convencional, além de um freio à mudança de modelo.

#### 3.3 Como fazer?

- Buscar local e horário que permitam uma conversa pessoal com a agricultora. Reforçar que os dados pessoais não serão divulgados (serão sempre anonimizados).
- As perguntas do roteiro podem ser lidas.
- As respostas são escritas no roteiro impresso ou diretamente no computador. A agricultora pode estar sentada ao lado da pessoa que escreve e verificar as respostas.
- Pedir autorização para gravar.
- Equipe: uma ou duas pessoas.
- Material: roteiro impresso, gravador.
- Duração estimada: em geral, de 40 minutos a 1h.

## 3.4 Como registrar?

- Forma de guardar os dados: as respostas escritas são logo digitadas; a gravação é usada caso seja necessário recuperar alguma informação.
- Formato dos dados: texto (.docx) + áudio (.mp3).

## 4 Roteiro

### 4.1 Identificação da agricultora

Pseudônimo (escolhido por ela): \_\_\_\_\_

**Identidade sociocultural:**

Indígena  Quilombola

Pescadora  Assentada  Agricultora familiar  Outra. Qual? \_\_\_\_\_

**Trabalha fora?**  Sim  Não

Se sim, qual a atividade? \_\_\_\_\_

Tempo integral  Parcial

Trabalho fixo  Esporádico

Idade: \_\_\_\_\_

### 4.2 Espaço de trabalho e vida

#### 4.2.1 Localização

Estado: \_\_\_\_\_

Território: \_\_\_\_\_

Município: \_\_\_\_\_

Nome do Bairro/Distrito/ Comunidade/Assentamento/Acampamento: \_\_\_\_\_

## 4.2.2 Condição de posse da terra

- ( ) Própria
- ( ) Arrendamento
- ( ) Meação
- ( ) Parceria
- ( ) Cessão
- ( ) Comodato
- ( ) Direito de uso
- ( ) Uso comunitário
- ( ) Em processo de legalização
- ( ) Terras tradicionais. Qual? \_\_\_\_\_
- ( ) Assentamento
- ( ) Outra forma. Qual? \_\_\_\_\_
- ( ) Não sabe

## 4.2.3 Informações complementares sobre a terra

Obs.: Cada quadro abaixo refere-se a uma forma de acesso à terra. Se houver apenas uma forma de acesso à terra, preencher o primeiro quadro e deixar os demais em branco.

A qual tipo de acesso à terra se referem as perguntas abaixo? \_\_\_\_\_

A agricultora sabe o tamanho da terra? ( ) Sim ( ) Não Se sim, qual o tamanho? \_\_\_\_\_

A documentação da terra está em seu nome? ( ) Sim ( ) Não

Se sim, qual foi a forma de obtenção da terra?<sup>8</sup> \_\_\_\_\_

---

<sup>8</sup> Esta pergunta se aplica às terras detidas pela agricultora ou pela agricultora junto com o marido ou com outra pessoa. Opções de resposta: (1) Herança; (2) Doação particular; (3) Compra de particular; (4) Compra via crédito fundiário; (5) Titulação via reforma agrária ou programa de reassentamento; (6) Aguardando titulação via reforma agrária ou programa de reassentamento; (7) Usucapião; (8) Outra forma (indicar qual); (9) Não sabe.

# GENgiBRe

Se não, está em nome de quem? \_\_\_\_\_

Qual o parentesco ou relação social? \_\_\_\_\_

A qual tipo de acesso à terra se referem as perguntas abaixo? \_\_\_\_\_

A agricultora sabe o tamanho da terra? ( ) Sim ( ) Não Se sim, qual o tamanho? \_\_\_\_\_

A documentação da terra está em seu nome? ( ) Sim ( ) Não

Se sim, qual foi a forma de obtenção da terra? \_\_\_\_\_

Se não, está em nome de quem? \_\_\_\_\_

Qual o parentesco ou relação social? \_\_\_\_\_

A qual tipo de acesso à terra se referem as perguntas abaixo? \_\_\_\_\_

A agricultora sabe o tamanho da terra? ( ) Sim ( ) Não Se sim, qual o tamanho? \_\_\_\_\_

A documentação da terra está em seu nome? ( ) Sim ( ) Não

Se sim, qual foi a forma de obtenção da terra? \_\_\_\_\_

Se não, está em nome de quem? \_\_\_\_\_

Qual o parentesco ou relação social? \_\_\_\_\_

## 4.3 Pessoas que moram e/ou trabalham no espaço de trabalho e vida da família

Observação: Esses dados também são perguntados no questionário do homem da casa. Se for aplicado antes, será suficiente, aqui, confirmar esses dados.

### 4.3.1 Pessoas que moram no espaço de trabalho e vida da família

Obs. Podem ser familiares ou não. Não registramos os sobrenomes (proteção dos dados pessoais).

---

Terras em *usucapião* são “obtidas, após transcorrido algum tempo de uso pacífico e sem contestação, conforme a Lei n. 6.969, de 10.12.1981” (definição do IBGE, Censo Agropecuário 2017).




### 4.3.3 Trabalho doméstico e de cuidado

Quem é a/o principal responsável pelo trabalho doméstico na residência? \_\_\_\_\_

Tem pessoas que necessitam de muitos cuidados ou de cuidados específicos?

( ) Sim - Quem? \_\_\_\_\_ ( ) Não

Se sim, quem é responsável pelos cuidados? \_\_\_\_\_

### 4.4 Restrições de acesso a bens ou serviços naturais

Existe alguma limitação no acesso a bens naturais na UP por conta de:

- Restrições legais (ex. UC, RDS, APA, APP): Sim/não, tipo de restrição \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

- Poluição: sim/não, qual poluição, causada por/pelo quê? \_\_\_\_\_

- Destruição: sim/não, qual poluição, causada por/pelo quê? \_\_\_\_\_

- Conflito: sim/não, qual conflito, causado por/pelo quê? \_\_\_\_\_

Outro: \_\_\_\_\_

### 4.5 Fontes de renda da família

Quais as 03 principais fontes de renda da “família” (pessoas que moram no espaço de trabalho e vida)? E quem tem acesso e decide sobre essa renda, você mesma ou outra pessoa da família?

Nº	Tipo	Quem decide sobre essa renda?
1		
2		
3		

## 4.6 Fontes de financiamento da família

A família usa financiamentos de bancos ou instituições financeiras? ( ) sim ( ) não

Caso positivo, identificar as principais fontes de financiamento e indicar para cada uma:

- A fonte (nome do banco e/ou do Programa, como o PRONAF);
- Para quê são usadas (compra de insumos, contratação de mão de obra, construção de infraestruturas, pagar outra dívida etc.);
- Em nome de quem está o financiamento;
- Qual a taxa de juros (pode ser um valor aproximado);
- Com qual frequência o financiamento é utilizado (anualmente, uma vez só etc.);
- Se já atrasou o pagamento.

Temporalidade: ciclo anual com ampliação para anos anteriores, caso tenha havido uma variação importante. O nosso objetivo é avaliar se a família: 1- tem facilidade para acessar a financiamentos; 2- se existe uma situação de sobre-endividamento.

Observação: caso a pessoa não saiba responder algumas perguntas, indicar com NS (não sabe).

Fonte	Uso	Em nome de quem?	Taxa de juros	Frequência	Ja atrasou o pagamento?

## Questionário socioeconômico com homem da casa

### 1 Apresentação

#### 1.1 O quê?

Um questionário similar ao da mulher agricultora, aplicado junto a um homem da casa (se houver) que desempenhe atividades na agricultura ou na pecuária e/ou que esteja envolvido em conflitos/mobilizações socioambientais. Caso o homem escolhido não cumpra com este perfil, a entrevista pode ser feita com exclusão das perguntas que não se aplicam.

#### 1.2 Para quê?

São dados básicos que permitem: 1- contextualizar os outros dados (entrevista semiestruturada com o mesmo homem); e 2- comparar o perfil e a visão masculina com a feminina. Nesse sentido, é importante repetir as perguntas com o agricultor, a fim de registrar sua percepção e seus dados pessoais.

#### 1.3 Como fazer?

- Buscar local e horário que permitam uma conversa pessoal com o agricultor. Aqui, é importante reforçar que os dados pessoais não serão divulgados.
- As perguntas do roteiro podem ser lidas.
- As respostas são escritas, no momento da conversa, no roteiro impresso. O homem pode estar ao lado da pessoa que escreve e verificar as respostas.
- Pedir autorização para gravar.
- Equipe: uma ou duas pessoas.
- Material: roteiro impresso, gravador.
- Duração estimada: entre 40 minutos e 01 hora.

# GENgiBRe

## 1.4 Como registrar?

- Forma de guardar os dados: as respostas são, após o campo, imediatamente digitadas. A gravação é usada caso seja necessário recuperar alguma informação.
- Formato dos dados: texto (.docx) + áudio (.mp3).

## 2 Roteiro

### 2.1 Identificação do agricultor

Pseudônimo (escolhido por ele): \_\_\_\_\_

**Identidade sociocultural:**

Indígena  Quilombola

Pescador  Assentado  Agricultor familiar  Outra. Qual? \_\_\_\_\_

**Trabalha fora?**  Sim  Não

Se sim, qual a atividade? \_\_\_\_\_

Tempo integral  Parcial

Trabalho fixo  Esporádico

Idade: \_\_\_\_\_

### 2.2 Informações sobre o espaço de trabalho e vida

#### 2.2.1 Condição de posse da terra

Própria

Arrendamento

Meação

Parceria

Cessão

Comodato

# GENgiBRe

- ( ) Direito de uso
- ( ) Uso comunitário
- ( ) Em processo de legalização
- ( ) Terras tradicionais. Qual? \_\_\_\_\_
- ( ) Assentamento
- ( ) Outra forma. Qual? \_\_\_\_\_
- ( ) Não sabe

## 2.2.2 Informações complementares sobre a terra

Obs.: Cada quadro abaixo refere-se a uma forma de acesso à terra. Se houver apenas uma forma de acesso à terra, preencher o primeiro quadro e deixar os demais em branco.

A qual tipo de acesso à terra se referem as perguntas abaixo? \_\_\_\_\_

O agricultor sabe o tamanho da terra? ( ) Sim ( ) Não

Se sim, qual o tamanho? \_\_\_\_\_

A documentação da terra está em seu nome? ( ) Sim ( ) Não

Se sim, qual foi a forma de obtenção da terra?<sup>16</sup> \_\_\_\_\_

Se não, está em nome de quem? \_\_\_\_\_

Qual o parentesco ou relação social? \_\_\_\_\_

A qual tipo de acesso à terra se referem as perguntas abaixo? \_\_\_\_\_

O agricultor sabe o tamanho da terra? ( ) Sim ( ) Não Se sim, qual o tamanho? \_\_\_\_\_

A documentação da terra está em seu nome? ( ) Sim ( ) Não

Se sim, qual foi a forma de obtenção da terra? \_\_\_\_\_

Se não, está em nome de quem? \_\_\_\_\_

<sup>16</sup> Esta pergunta se aplica às terras detidas pelo agricultor ou pelo agricultor junto à esposa ou outra pessoa. Opções de resposta: (1) Herança; (2) Doação particular; (3) Compra de particular; (4) Compra via crédito fundiário; (5) Titulação via reforma agrária ou programa de reassentamento; (6) Aguardando titulação via reforma agrária ou programa de reassentamento; (7) Usucapião; (8) Outra forma (indicar qual); (9) Não sabe.

Terras em *usucapião* são “obtidas, após transcorrido algum tempo de uso pacífico e sem contestação, conforme a Lei n. 6.969, de 10.12.1981” (definição do IBGE, Censo Agropecuário 2017).

Qual o parentesco ou relação social? \_\_\_\_\_

A qual tipo de acesso à terra se referem as perguntas abaixo? \_\_\_\_\_

O agricultor sabe o tamanho da terra? ( )Sim ( )Não

Se sim, qual o tamanho? \_\_\_\_\_

A documentação da terra está em seu nome? ( )Sim ( )Não

Se sim, qual foi a forma de obtenção da terra? \_\_\_\_\_

Se não, está em nome de quem? \_\_\_\_\_

Qual o parentesco ou relação social? \_\_\_\_\_

## 2.3 Pessoas que moram e/ou trabalham no espaço de trabalho e vida da família

Observação: estes dados também são perguntados no questionário da agricultora. Se for aplicado antes, será suficiente, aqui, confirmar esses dados.

### 2.3.1 Pessoas que moram no espaço de trabalho e vida da família

Obs. As pessoas registradas podem ser familiares ou não. Não registramos os sobrenomes.

Primeiro nome (sem sobrenome)	Sexo (M/F)	Parentesco ou relação social com ele	Idade	Estado civil <sup>17</sup>	Origem étnica <sup>18</sup>	Grau escolaridade <sup>19</sup>	Vínculos de moradia e trabalho com a UP <sup>20</sup>	Trabalho ou profissão fora da UP
[Homem da casa]	M	--						

<sup>17</sup> (1) Solteira/o; (2) Casada/o; (3) União Estável; (4) Divorciada/o; (5) Separada/o; (6) Viúva/o; (7) Outro (especificar).

<sup>18</sup> Segundo IBGE: (1) Branco; (2) Pardo; (3) Preto; (4) Povo Indígena; (5) Amarelo.

<sup>19</sup> (1) Ensino Fundamental Completo; (2) Ensino Fundamental Incompleto; (3) Ensino Médio Completo; (4) Ensino Médio Incompleto; (5) Ensino Técnico Completo; (6) Ensino Técnico Incompleto; (7) Ensino Superior Completo; (8) Ensino Superior Incompleto; (9) Analfabeto.

<sup>20</sup> (1) Reside no estabelecimento e trabalha (em tempo integral ou parcial) no estabelecimento; (2) Reside no estabelecimento e trabalha fora (em tempo integral ou parcial); (3) Reside no estabelecimento e não trabalha; (4) Não reside no estabelecimento e trabalha no estabelecimento (tempo integral ou parcial); (5) Não reside nem trabalha no estabelecimento.


### 2.3.2 Pessoas que não moram no espaço de vida e trabalho, mas que contribuem com o trabalho.

Observação: considerar várias formas de contribuição: com cuidados, no trabalho agrícola (diarista, por exemplo), algum trabalho ocasional, mutirão, troca de dias, ajuda na comercialização, na divulgação, nos trâmites administrativos etc.

Primeiro nome (sem sobrenome)	Sexo (M/F)	Parentesco ou relação social com a agricultora	Faixa etária <sup>21</sup>	Identidade étnica <sup>22</sup> (se relevante/conhecido)	Vínculos de trabalho com a UP <sup>23</sup>	Frequência que acontece

### 2.3.3 Trabalho doméstico e de cuidado

Quem é a/o principal responsável pelo trabalho doméstico na residência? \_\_\_\_\_

Tem pessoas que necessitam de muitos cuidados ou de cuidados específicos?

( ) Sim - Quem? \_\_\_\_\_

( ) Não

Se sim, quem é responsável pelos cuidados? \_\_\_\_\_

<sup>21</sup> Criança: (1); Jovem: (2); Adulto: (3); Idoso: (4).

<sup>22</sup> Segundo IBGE: (1) Branco; (2) Pardo; (3) Preto; (4) Povo Indígena; (5) Amarelo.

<sup>23</sup> (1) Reside no estabelecimento e trabalha (em tempo integral ou parcial) no estabelecimento; (2) Reside no estabelecimento e trabalha fora (em tempo integral ou parcial); (3) Reside no estabelecimento e não trabalha; (4) Não reside no estabelecimento e trabalha no estabelecimento (tempo integral ou parcial); (5) Não reside nem trabalha no estabelecimento.

## 2.4 Informações gerais sobre restrições de acesso a bens naturais

Existe alguma limitação no acesso a bens naturais na UP por conta de:

- Restrições legais (por exemplo, RDS, APA): Sim/não, tipo de

restrição \_\_\_\_\_

- Poluição: sim/não, qual poluição, causada por/pelo quê

\_\_\_\_\_

- Conflito: sim/não, qual conflito, causado por/pelo quê \_\_\_\_\_

- Outro: \_\_\_\_\_

## 2.5 Fontes de renda da família

Quais as 03 principais fontes de renda da “família” (pessoas que moram no espaço de trabalho e vida)? E quem tem acesso e decide sobre esta renda, você mesmo ou outra pessoa da família?

Nº	Tipo	Quem decide sobre esta renda?
1		
2		
3		

## 2.6 Fontes de financiamento da família

A família usa financiamentos de bancos ou instituições financeiras? ( ) sim ( ) não

Caso positivo, identificar as principais fontes de financiamento e indicar para cada uma:

- A fonte (nome do banco e/ou do Programa, como o PRONAF);
- Para quê são usadas (compra de insumos, contratação de mão de obra, construção de infraestruturas, pagar outra dívida etc.);
- Em nome de quem está o financiamento;
- Qual a taxa de juros (pode ser um valor aproximado);
- Com qual frequência o financiamento é usado (anualmente, uma vez só etc.);
- Se já atrasou o pagamento.

# GENgiBRe

Temporalidade: ciclo anual com ampliação para anos anteriores, caso tenha havido uma variação importante. O nosso objetivo é avaliar se a família: 1- tem facilidade para acessar a financiamentos; e 2- se existe uma situação de sobre-endividamento.

Observação: caso a pessoa não saiba algumas respostas, indicar com NS (não sabe).

<b>Fonte</b>	<b>Uso</b>	<b>Em nome de quem?</b>	<b>Taxa de juros</b>	<b>Frequência</b>	<b>Ja atrasou o pagamento?</b>

## Entrevista semiestruturada com a agricultora

### 1 Apresentação

#### 1.1 O quê?

Uma entrevista semiestruturada sobre a trajetória pessoal, as funções assumidas, os conhecimentos agroalimentares, a participação política, a relação com natureza e os tempos da agricultora.

#### 1.2 Para quê?

A entrevista coloca em perspectiva as observações feitas durante o Etnomapeamento Feminista, possibilitando compreendê-las melhor e contextualizá-las com base na trajetória pessoal da agricultora. As funções sociais, os espaços de construção do conhecimento e a participação sociopolítica também são parâmetros sociais importantes na construção da relação com a natureza. Um ponto específico (II.5) é dedicado ao aprofundamento da narrativa da agricultora sobre esta relação.

#### 1.3 Como fazer?

- Procurar um local e um horário que permitam uma conversa pessoal, sem muitas interrupções.
- A entrevista pode acontecer depois dos outros instrumentos de nível 1, de forma a aproveitar e complementar as informações que foram recolhidas.
- As perguntas do roteiro são feitas de forma flexível, ajustadas à narrativa da agricultora e às outras informações coletadas; não devem ser lidas.
- **É importante que a pergunta 2.5 (relação com a natureza) seja feita de forma explícita**, de modo a articular e aprofundar as dimensões da resposta. Se a entrevista for demorada, a pergunta pode ser feita logo depois da trajetória de vida, para garantir a qualidade da resposta.
- As outras perguntas não precisam ser feitas explicitamente: algumas respostas podem ser inferidas a partir da fala da pessoa em outros momentos.

# GENgiBRe

- Pedir autorização para gravar. A gravação é usada para escutar novamente algumas respostas e para recuperar citações significativas (em particular 2.5).
- Uma pessoa da equipe registra o que deve ser verificado e anota as citações a serem recuperadas na gravação.
- Equipe: dupla ciências agrárias e sociais.
- Material: roteiro impresso, caneta, gravador.
- Duração: Entre 1h a 1h30min.

## 1.4 Como registrar?

- Relatório respondendo às perguntas do roteiro e com citações significativas + gravação.
- Formato dos dados: áudio da gravação (ex. .mp3) e texto do relato (ex .docx).

## 2 Roteiro

### 2.1 Trajetória pessoal

O objetivo é trazer elementos biográficos que permitam compreender o grau de envolvimento da agricultora na agroecologia e nos conflitos e mobilizações socioambientais. Perguntar sobre as principais etapas da vida no que se refere à sua trajetória:

- pessoal (história familiar, casamento, filhos, separação, viuvez etc.);
- profissional (empregos ou trabalhos – inclusive doméstico não remunerado, desemprego, períodos de migração, formação etc.);
- sociopolítica (sindicato, cooperativa, partido, além de igreja, pastoral, grupos de mulheres, espaços informais).

Observação: é possível recuperar elementos do Rio da Vida, caso tenha sido aplicado antes dessa etapa.

## **2.2 Funções assumidas pela agricultora que explicam seus conhecimentos e suas práticas agroalimentares**

O objetivo é identificar as principais funções sociais desempenhadas pela agricultora, na medida em que explicam seus conhecimentos e formas de trabalho (técnicas) na agricultura e na cozinha, tais como: função de preparação e conservação de alimentos, processos pós-colheita, cuidados pela saúde das pessoas, pelos bens naturais (como a qualidade da água), guardiã de sementes etc. Para chegar a essa identificação, a discussão pode ser iniciada a partir da observação, pela equipe, das tarefas assumidas pela agricultora. Também pode se apoiar na trajetória de vida (momentos em que ela assumiu tais funções).

## **2.3 Espaços e processos de construção dos conhecimentos e das práticas agroalimentares**

O objetivo é identificar os espaços e processos através dos quais a agricultora adquiriu seus conhecimentos e suas práticas agroalimentares. A conversa pode ser iniciada a partir do resgate de alguns conhecimentos ou práticas que foram observados, perguntando como foram adquiridos na trajetória de vida. De forma complementar, os seguintes espaços ou processos podem ser conferidos como relevantes ou não: transmissão familiar, em particular a mãe; experimentação agrícola; emprego agrícola; ATER; projetos de ONGs; redes agroecológicas; formação; mobilização em relação a conflitos.

## **2.4 Espaços e formas de participação sociopolítica**

O objetivo é confirmar e complementar os dados sobre participação sociopolítica, com destaque para os espaços ligados à agroecologia, ao gênero/feminismo e às questões socioambientais. É importante problematizar o que é “agroecologia” para a pessoa, como e até que ponto conhece e adere a ela – ou não. Os espaços ligados à agroecologia e às questões socioambientais devem ser entendidos em sentido amplo: sindicatos, partidos, cooperativas, movimentos, igrejas, espaços da cultura popular, às vezes grupos de comercialização, projetos de ONG ou de algumas empresas, grupos ou espaços informais de encontro que podem parecer pouco significativos (invisibilizados, inclusive, pelas próprias mulheres). Identificar esses espaços a partir das informações prévias (trajetória de vida, em certos casos, Rio da Vida do território etc.). Conversar sobre a forma de participação da agricultora em cada um desses espaços (quão frequente, em

# GENgiBRe

que posição – formal ou informal), pautas que são discutidas, tipos de ação, resultados para ela etc.

## 2.5 Narrativa sobre a relação com a natureza

O objetivo é explorar e registrar dimensões da relação com a natureza evidenciada pela agricultora (narrativa), testando se essa relação tem um papel significativo no seu engajamento em defesa da terra/território e/ou em conflitos socioambientais. Abaixo, segue uma lista indicativa (mas não fixa, tampouco exaustiva) de dimensões que podem ser exploradas:

- Com quais palavras e afetos (positivos ou negativos, “apego”/desapego, causado por quê, como se manifestam) a agricultora expressa essa relação;

Observação: ter cuidado para não induzir o vocabulário, prestar atenção às palavras usadas pela agricultora e usar as mesmas.

- Em que escala (propriedade, comunidade, “território” – qual?);
- Destacando quais elementos ou dimensões (plantas, árvores, águas, animais, solo, ar puro, água limpa ou poluída etc.);
- De acordo com que lógica/s – lógica produtiva, de geração de renda, de segurança alimentar, de cuidado, estética, religiosa ou espiritual, cultural etc.;
- A partir de quais experiências ou práticas, individuais ou coletivas (trabalho agrícola, participação política, luta pelo território, conflito socioambiental);
- Existe um apego à terra ou ao território, uma vontade de defendê-los? Por que e como?
- Existe uma dimensão de gênero da relação com a natureza do ponto de vista da agricultora (forma de se relacionar que é determinada pelo fato de ser mulher)?

As perguntas podem ser feitas em conexão com as práticas agrícolas, com os conflitos socioambientais, com a participação política e de forma aberta (possibilitando outras respostas, inclusive as que não imaginamos!).

## 2.6 Tempos

O objetivo é avaliar se a vida e as práticas da agricultora são organizadas pelo fator *tempo*; e se existe uma sobrecarrega de trabalho e/ou a percepção de uma injustiça. Este fator pode ser investigado em dois principais níveis:

# GENgiBRe

- Ritmo da produção (vários fatores possíveis, como sazonalidade da produção, ritmo da natureza, formas de integração na indústria agroalimentar etc. Importante conectar com a informação sobre tempo no Etnomapeamento).
- Forma como a agricultora assume suas funções socialmente atribuídas (trabalho doméstico, de cuidados socioambientais, participação sociopolítica etc. Conectar com respostas anteriores, em particular 2.2, funções). Investigar a organização (individual ou coletiva), lógicas, qualidade e temporalidades destas tarefas.

Concluir perguntando sobre a percepção da carga total de trabalho e da distribuição dentro da família: a agricultora tem momentos de descanso? Se sente sobrecarregada? Acha que a divisão do trabalho é justa ou não? Por quê?

## Entrevista semiestruturada com homem da casa

### 1 Apresentação

#### 1.1 O quê?

Uma entrevista semiestruturada – similar à da mulher agricultora – com um homem da casa com atividade na agricultura ou na pecuária e/ou envolvido em conflitos/mobilizações socioambientais. Caso não exista esse perfil, a entrevista poderá ser feita com outro homem da casa, excluindo as perguntas que não se aplicam. Caso não haja homens na casa, o instrumento não é aplicado.

#### 1.2 Para quê?

Compreender os papéis de gênero nas práticas agrícolas e nas mobilizações socioambientais a partir da visão masculina.

#### 1.3 Como fazer?

- Procurar um local e um horário que permitam uma conversa particular com o homem.
- A entrevista pode ser feita após o questionário.
- As perguntas do roteiro são feitas de forma flexível, ajustadas à narrativa do homem e às outras informações coletadas; não devem ser lidas.
- É importante que a pergunta **2.6 (relação com a natureza)** seja feita de forma explícita, de modo a articular e aprofundar as dimensões da resposta. Caso a entrevista seja demorada, a pergunta poderá ser feita logo depois da trajetória de vida, para garantir a qualidade da resposta.
- Pedir autorização para gravar. A gravação é usada para escutar novamente algumas respostas e para recuperar citações significativas (em particular 2.6).
- Uma pessoa da equipe toma notas para verificar se todas as perguntas foram respondidas e anota as citações a serem recuperadas por meio da gravação.
- Equipe: dupla ciências agrárias e sociais.

# GENgiBRe

- Material: roteiro impresso, caneta, gravador.
- Duração: 1h a 1h30min.

## 1.4 Como registrar?

- Forma de registrar os dados: relato com respostas ordenadas por tema e citações relevantes.
- Formato dos dados: áudio da gravação (ex. .mp3) e texto do relato (ex .docx).

## 2 Roteiro

### 2.1 Trajetória pessoal

O objetivo é trazer elementos biográficos que nos permitam compreender a posição da pessoa na agricultura, na pecuária e/ou nas mobilizações socioambientais. Perguntar sobre as principais etapas da vida no que se refere à sua trajetória:

- pessoal (história familiar, casamento, filhos, separação, viuvez etc.);
- profissional (empregos ou trabalhos, desemprego, períodos de migração, formação etc.);
- sociopolítica (se houver: sindicato, cooperativa, partido, igreja, espaços informais etc.).

### 2.2 Forma de trabalho e de comercialização na agricultura e/ou pecuária

O objetivo é complementar a observação direta dos manejos agrícolas (ou avaliá-los, caso não tenha sido possível observar), perguntando sobre:

- o tipo de trabalho na agricultura ou na pecuária;
- se é agricultura (ou criação) convencional/ agroecológica/ em transição e quais são as lógicas relacionadas (perguntar pelos motivos ou motivações, razões das principais decisões técnicas ou produtivas, investigando os **papéis masculinos**);
- a forma de comercializar (quais tipos de mercados, como tem acesso, preço, eventuais dificuldades).

## **2.3 Funções assumidas que explicam a forma de fazer agricultura/ pecuária e de se envolver em questões socioambientais**

O objetivo é identificar as principais funções sociais desempenhadas pelo homem que expliquem sua forma de fazer agricultura/ pecuária e de se envolver em questões socioambientais, tais como: comercialização, geração de renda, alimentação da família, participação pública/política etc. Para chegar a essa identificação, a discussão pode ser iniciada a partir da observação, pela equipe, das tarefas assumidas pelo homem. Também pode se apoiar na trajetória de vida e no questionário.

## **2.4 Espaços e processos de construção dos conhecimentos e das práticas**

O objetivo é identificar os espaços e processos através dos quais o homem construiu os conhecimentos e as ideias que explicam sua forma de fazer agricultura/ pecuária. A conversa pode ser iniciada fazendo referência às respostas acima. De forma complementar, os seguintes espaços ou processos podem ser conferidos: transmissão familiar, em particular o pai; experimentação agrícola; emprego agrícola; ATER; projetos de ONGs ou empresas; redes agroecológicas; formação; mobilização relacionada a conflitos.

## **2.5 Espaços e formas de participação sociopolítica**

O objetivo é identificar os espaços de participação política e as questões (em particular socioambientais e ligadas à agroecologia) tratadas nesses espaços. Perguntar desde quando o homem participa, qual papel – formal ou informal – desempenha, quais modos de ação são usados no espaço, para quais objetivos e com quais resultados ou dificuldades. A discussão pode ser iniciada a partir dos espaços que foram identificados na trajetória de vida. Se o homem conhece a agroecologia, é importante problematizar o que é para ele, como e até que ponto conhece e adere a ela – ou não.

## **2.6 Narrativa sobre a relação com a natureza**

O objetivo é explorar diferentes dimensões da relação com a natureza manifestadas pelo homem (narrativa), a fim de verificar se essa relação tem um papel significativo no seu engajamento em defesa da terra/território e/ou em conflitos socioambientais. Abaixo, segue uma lista indicativa (mas não fixa, tampouco exaustiva) de dimensões que podem ser exploradas:

# GENgiBRE

- Com quais palavras e afetos (positivos ou negativos, “apego”/desapego, causado por quê, como se manifesta) o agricultor expressa essa relação;
- Em que escala (propriedade, comunidade, “território” – qual?);
- Destacando quais elementos ou dimensões (plantas, árvores, águas, animais, solo, ar puro, água limpa etc.);
- De acordo com que lógica/s – produtiva, ligada à renda, à segurança alimentar, ao cuidado (de quê exatamente?), estética, espiritual, cultural etc.;
- A partir de quais experiências ou práticas, individuais ou coletivas (trabalho agrícola, participação política, luta pelo território, conflito socioambiental);
- Existe um apego à terra ou ao território, uma vontade de defendê-los? Por que e como?
- Existe uma dimensão de gênero da relação com a natureza do ponto de vista do homem (forma de se relacionar que é determinada pelo fato de ser homem)?

As perguntas podem ser feitas em conexão com as práticas agrícolas, com os conflitos socioambientais, com a participação política e de forma aberta (possibilitando outras respostas, inclusive as que não imaginamos!).

## 2.7 Divisão sexual do trabalho

A metodologia tem o objetivo de reconstituir o relógio simplificado de um dia de trabalho típico e de um dia de final de semana. Para isso:

- Iniciar perguntando se há regularidade na organização dos dias da semana e do final de semana.
- A partir disso, apontar um dia típico da semana e um dia de final de semana, para fazer o relógio. Pode ser feito de forma gráfica ou na forma de uma lista, agrupando por grandes atividades.
- Finalizar perguntando pela percepção da carga de trabalho e sua distribuição com outros membros da família. É justo?

GENgiBRe

## Nível 2 – Nos territórios vividos pelas agricultoras

## Rio da Vida do Território

### 1 Apresentação

#### 1.1 O quê?

Uma representação gráfica da história dos “problemas” socioambientais de um território e das respostas, em particular a partir da agroecologia, construídas pelas agricultoras. O Rio da Vida do Território junta as histórias pessoais em uma história coletiva; se atenta às curvas, aos obstáculos e aos possíveis retrocessos dessas histórias, evitando uma visão artificialmente linear.

- A escala do território é aquela do *território vivido pelas agricultoras* a partir das suas práticas cotidianas na agricultura e em espaços da comunidade, do município e às vezes mais ampla, onde organizam a vida e constroem respostas aos problemas socioambientais.
- Os *problemas socioambientais* são entendidos de forma ampla, abrangendo não só os conflitos abertos (politizados), mas, também, as denúncias e os “danos” percebidos individualmente. Da mesma forma, as *respostas* incluem as mobilizações e as lutas, mas, além disso, os anúncios e as práticas não necessariamente politizados, que podem acontecer no âmbito individual. Em uma perspectiva feminista, é importante a atenção às formas menos politizadas que podem ser desenvolvidas por mulheres em situações de opressão.
- As participantes são *agricultoras* que participam da pesquisa, seja diretamente (nível 1) ou em atividades coletivas. É possível incluir agricultoras que sejam lideranças locais, que enriquecerão a percepção dos problemas e respostas socioambientais, mas não é possível incluir pessoas que não sejam agricultoras (registramos apenas as percepções de agricultoras).

#### 1.2 Para quê?

Possibilita compreender como as mudanças no contexto do território incidem sobre a vida das mulheres a partir de suas experiências vividas, das responsabilidades e dos trabalhos que assumem ao longo da vida e que condicionam a sua relação com os processos vivenciados, os lugares por onde transitam e os tipos de relação com o território e com a natureza que estabelecem.

# GENgiBRe

O Rio da Vida enquanto instrumento de pesquisa ajuda as mulheres a perceberem suas vidas enquanto “um processo vivido”, composto por diversas fases e por uma série de acontecimentos que são moldados pela **construção social dos sujeitos**, imersos em uma teia de relações, geralmente assimétricas (de gênero, raça, etnia, geração etc.).

## 1.3 Como fazer

- Planejar a atividade com o coletivo de agricultoras. Esse é o grupo de agricultoras que constitui o interlocutor local para a pesquisa, a partir de espaços como comissões de mulheres de sindicatos da agricultura familiar, redes locais de agricultoras agroecológicas ou outros. Idealmente, ao menos as agricultoras que participaram da pesquisa de nível 1 devem estar presentes (ver nota sobre as participantes no ponto “O quê” acima).
- Etapas e roteiro: ver abaixo.
- Pedir autorização para gravar e fotografar.
- Equipe: duas ou três pessoas, sendo ao menos uma para facilitar a atividade, elaborar tarjetas e ajudar a posicionar os elementos da memória das agricultoras no Rio; e uma pessoa para fazer os registros em caderno de campo e os registros fotográficos e de áudio (importante identificar citações).
- Materiais: TNT azul; tarjetas, canetas de ponta grossa coloridas, fita adesiva, grampeador, música.
- Duração estimada: 01 a 02 períodos.

## 1.4 Como registrar?

- Registro do processo de elaboração, das discussões em caderno de campo + gravação das discussões coletivas + registro fotográfico do Rio.
- Formato dos dados: .doc/.pdf, .jpg, .mp3.
- Opção de relatoria gráfica para sistematizar e fazer a devolutiva do Rio.

## 2 Roteiro

### 2.1 Mobilização da Memória

A Mobilização da Memória tem início com as participantes de olhos fechados, ao som de uma música ambiente. A facilitadora orienta a recuperação das experiências vividas em relação à natureza, tendo o Rio como dupla metáfora: rio como natureza e como tempo.

Vamos pensar em como esse rio começa.

Este rio tem uma nascente, como é essa nascente? O que tem em volta dela?

Como cada uma está neste rio? Como mulher, com quantos anos você está? Pode ser criança, adolescente, adulta... Talvez vocês estejam com outras companheiras e companheiros, homens, mulheres, adultos, crianças. Quais coisas importantes estão nascendo na sua comunidade, no seu município, na sua região, na relação com a agricultura, com a natureza, com o meio ambiente? Onde você, como mulher, está? Isso pode ter acontecido há muito tempo... Podem ter nascido coisas positivas ou que marcaram esse momento da nascente que foram ruins...

O rio cresce, tem mais água, talvez você esteja dentro de um barco com outras pessoas... Quem são essas pessoas? São da família? Da comunidade? Do município? De alguma organização? Da prefeitura? Da igreja? Tem mais homens ou mais mulheres? O que vocês fazem dentro deste barco? Quais coisas boas vocês estão fazendo na relação com a agricultura, com a natureza? O que vocês estão planejando? Acontecem problemas? Como você, como mulher, lida com esses problemas?

O rio vai ficando maior, com muita água, começa a chover, tem uns momentos mais revoltos, pode ter algumas curvas, encontros com outros rios, algumas mudanças... Em alguns lugares tem as matas ciliares, uma agrofloresta com coisas plantadas, outros plantios, hortas, pomares.

De repente, começam a aparecer alguns problemas... Encontramos um pasto degradado, uma lavoura de café com intenso uso de agrotóxicos, uma hidrelétrica...

O rio começa a secar, ou tem pedras, ou começa a ficar poluído, ou não tem mais acesso. Quem está provocando essa degradação? Essa poluição? Quem está impedindo o acesso? É alguém de fora ou do município? É alguém da sua

# GENgiBRe

comunidade? Da sua família? Como isso afeta você, sua família, sua comunidade? Você está conseguindo reagir? É muito difícil reagir? Como você está reagindo? Qual o seu papel? Sozinha ou com mais pessoas? Com quem?

Como está o rio agora? Como você está se sentindo agora? Onde você está agora? Com quem? Que coisas boas você está vendo agora no rio? Ainda tem dificuldades?

## 2.2 Expressão sobre a metodologia

Perguntar às mulheres como foi o exercício para elas. Não necessariamente todas as mulheres precisam falar.

## 2.3 Construção do Rio

A partir das experiências geradas na Mobilização da Memória, a ideia é recuperar os elementos marcantes das etapas de vida de cada participante e ordená-las no marco temporal (anos ou décadas), fazendo a confluência do individual com o coletivo. Em cada etapa, damos destaque para os problemas socioambientais, as respostas, e os atores envolvidos/os e o lugar das mulheres.

Exemplo de organização em 03 rodadas:

- Apresentação das lembranças de cada mulher em relação à nascente do Rio da Vida e a momentos posteriores; esses elementos são anotados em tarjetas, as quais são colocadas, *pela facilitadora*, no Rio. É recomendável que os problemas socioambientais e as respostas sejam anotados em tarjetas com cores diferentes. Cada tarjeta contém a data ou o período.
- Orientação da equipe para completar o Rio, com destaque para os processos coletivos. Preparação de tarjetas, *pelas mulheres*, e apresentação. Em seguida, as tarjetas são colocadas no Rio.
- Complementos induzidos pela equipe, com base em informações prévias (por exemplo, as fornecidas pela Cartografia ou pelo nível 1).

A construção do Rio pode ser feita com TNT azul, com a representação das curvas, pedras, mais ou menos água etc.

## 2.4 Reflexão final

É feita uma rodada de reflexão final sobre:

# GENgiBRe

- As histórias individuais como parte da história coletiva;
- o lugar das mulheres (presenças e ausências) nos distintos momentos, o tipo de respostas e o porquê, segundo elas.

## Cartografia Socioambiental Feminista

### 1 Apresentação

#### 1.1 O quê?

Um mapa (ou “desenho”) construído coletivamente pelas agricultoras, representando os problemas socioambientais e as respostas construídas por elas e por outras/os atrizes/atores do território que elas identificam como relevantes. O mapa é feito no atual momento – considerando, portanto, os efeitos da pandemia.

Observação: a compreensão de “território”, de “problemas” e “respostas” socioambientais e das participantes da Cartografia é a mesma que para o Rio da Vida (ver apresentação acima).

#### 1.2 Para quê?

O mapa ajuda a desvelar os problemas socioambientais, as respostas existentes e o jogo das/os atrizes/atores. Além disso, soma informações compartilhadas entre as participantes; evidencia os problemas ou as respostas possíveis, inclusive os/as invisibilizados/as; ajuda a pensar respostas; produz conhecimentos emancipatórios e complementa o Rio da Vida do território, ao focalizar o momento atual e sua representação no espaço.

A análise de gênero, a partir da percepção das mulheres, ajuda a especificar por quê e como alguns problemas socioambientais as afetam especificamente (ligados à responsabilidade pelo cuidado, a formas de violência etc.) e de que forma e por quê suas respostas também podem ser específicas. Será importante cruzar com a percepção dos homens, a partir das entrevistas de nível 1.

#### 1.3 Como fazer?

- Planejar a atividade com o coletivo de agricultoras. Idealmente, todas as agricultoras que participaram da pesquisa de nível 1 devem estar presentes. É interessante, nessa etapa, que outras agricultoras também participem.
- Etapas e roteiro: ver abaixo.
- Pedir autorização para gravar e fotografar.

# GENgiBRe

- Equipe: duas ou três pessoas, sendo uma para facilitar a atividade, elaborar tarjetas e ajudar na especialização dos elementos no desenho; e uma pessoa para fazer os registros em caderno de campo – identificando as citações – e os registros fotográficos e de áudio.
- Material: folhas A0 e A4; canetas de ponta grossa coloridas; giz de cera; adesivos.
- Duração estimada: 01 período (manhã ou tarde).

## 1.4 Como registrar?

- Registro do processo de elaboração, das discussões e dos pontos de referência (localização) em caderno de campo + gravação das discussões coletivas + registro fotográfico, com a opção de digitalização dos mapas.
- Formato dos dados: .doc/.pdf, .jpg, .mp3.

## 2 Roteiro

### 2.1 Preparação da atividade (opcional)

Dias antes da aplicação da metodologia, deve-se entrar em contato com as mulheres, pedindo para que levem, no dia da atividade, ao menos dois elementos. Esses elementos devem representar aspectos positivos e negativos relacionados ao meio ambiente do território (pode ser no nível de propriedade, comunidade, município ou região).

Aspectos negativos são relacionados a **problemas socioambientais** de diferentes tipos (por exemplo, poluição, perda de biodiversidade etc.) e graus de politização (conflitos, denúncias, “simples” danos – podendo ser no nível individual). Os aspectos positivos relacionam-se às **respostas** (mobilizações, anúncios, “simples” práticas – podendo ser no nível individual), em particular aquelas relacionadas à **agroecologia**.

### 2.2 Apresentação das participantes através dos elementos

Dispor o papel em branco no meio da roda.

Realizar a **apresentação das participantes** com os elementos levados por cada uma, que representem os aspectos positivos e negativos relacionados ao meio ambiente sobre o território (em distintas escalas).

Realizar uma rodada de **complementação** com novos elementos que não tenham sido expostos anteriormente. Estes elementos podem ser colocados em tarjetas.

Exemplo de perguntas geradoras:

Quais tipos de dificuldades ligadas ao meio ambiente (por exemplo, poluição por uma empresa, por um vizinho, falta de água, restrições de uso de alguns recursos ou terras por serem submetidas a regras de conservação ambiental) você encontra para desenvolver as suas práticas agroecológicas? Há este tipo de dificuldade no nível da sua família, comunidade, território? Quais estratégias você encontra para enfrentar essas dificuldades? E outras atrizes/atores importantes do território? (Importante qualificar as pessoas envolvidas nas diferentes respostas – coletivo/individual, específico das mulheres/dos homens, sem especificidade de gênero etc.).

## 2.3 Especialização dos elementos

Pedir às agricultoras que **imaginem que o papel seja um desenho do território** (adaptar a escala de acordo com os elementos trazidos por elas, podendo ser o desenho do município, da região etc.).

Solicitar às agricultoras que **indiquem os pontos de referência do território** (por exemplo, sede do município, comunidades onde elas moram e trabalham, organizações/grupos dos quais participam, mineradoras, rios, UCs). Uma das facilitadoras representa os pontos de referência no desenho.

Pedir às agricultoras para realizarem a **disposição espacial** dos elementos ou tarjetas no desenho, considerando os pontos de referência identificados anteriormente. Os elementos gerais que não tenham relação com apenas uma ou outra comunidade podem ser representados como sendo na sede do município (é uma forma artificial de representação, mas pode resolver essa questão).

De forma geral, é importante especificar a localização dos elementos na relatoria, para que seja possível a elaboração do mapa com base cartográfica, posteriormente.

Observação: é possível partir de uma base cartográfica, especialmente quando a escala do território é a do município e o mapa do município é uma representação compartilhada (exibida em muitos lugares públicos). Essa base poderá, então, ser complementada com pontos de referência específicos, colocados pelas agricultoras.

## 2.4 Identificação das atrizes e dos atores

Identificar as principais atrizes e os principais atores envolvidos nos aspectos positivos e negativos trazidos pelas agricultoras. Neste momento, será possível captar a atuação de organizações, comunidades, igreja, grupos de mulheres, empresas, movimentos sociais, Estado etc.

## 2.5 Reflexão final e qualificação de gênero

Fazer um processo de reflexão com as agricultoras a partir da construção do desenho:

- O que vocês perceberam com essa construção?

Qualificação de gênero:

- Vocês acham que existem lugares específicos de presença das mulheres? Ou lugares específicos em que as mulheres estão ausentes?
- Percebem que há respostas específicas das mulheres aos problemas socioambientais do território? Por quê?

Símbolos no mapa (adesivos) podem representar esses lugares.

Importante, nessa etapa, fazer o registro fotográfico do desenho.

## 2.6 Opção de consolidação do desenho em mapa

A equipe, em momento posterior à atividade, pode consolidar o desenho em um mapa digital, na escala e com legenda, para o momento de devolutiva com as agricultoras.

A elaboração das legendas implica a categorização dos elementos trazidos pelas agricultoras e será realizado, em um primeiro momento, pela equipe. Esta categorização será debatida com as agricultoras no momento de devolutiva do mapa.

## 2.7 Opção de juntar as agricultoras e os mapas em Intercâmbios ou Caravanas

A proposta consiste em juntar as agricultoras de diferentes municípios para discutir os problemas e respostas socioambientais em uma escala mais ampla, com base em um mapa grande, elaborado pela equipe a partir da consolidação e da agregação dos mapas de cada município.

O encontro pode ocorrer em Caravanas em cada região ou território (ver nível 3 abaixo).

## Mapa “Corpo-Território”

### 1 Apresentação

#### 1.1 O quê?

Um mapa (ou pôster) construído pelas agricultoras, representando a relação vivida por elas com o território através do seu corpo. Nosso foco é duplo:

- captar os problemas e as respostas socioambientais no território;
- captar as dinâmicas de gênero, por meio da forma como estes problemas e respostas se desdobram no corpo das mulheres. Isso envolve, em particular:
  - o *continuum* das violências de gênero (desde a violência patriarcal – familiar, doméstica etc. – até as violências contra as mulheres como grupo social, como expressão das lógicas agro-extrativo-capitalistas etc.);
  - a divisão sexual do trabalho, enquanto determinante de impactos específicos dos problemas socioambientais (impactos específicos às mulheres ou aos homens ou respostas específicas das mulheres ou dos homens).

Exemplos: a poluição de um rio impacta a saúde de moradoras/es de um território em geral e o trabalho das mulheres em particular, pelo fato de serem elas as encarregadas de fornecer água para a casa, de lavar as roupas dentro do rio e de preparar as refeições (divisão sexual do trabalho).

Esse instrumento capta, portanto, a imbricação entre gênero e território, em particular, a forma como a violência contra o território se manifesta nas dinâmicas de gênero.

Observações:

- A compreensão de “território”, de “problemas” e “respostas” socioambientais e das participantes do Corpo-Território é a mesma que para o Rio da Vida (ver apresentação acima).

- Ver o marco conceitual do Corpo-Território em: Haesbaert Rogério (2020), “Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais”, *GEOgraphia*, vol. 22, nº 48. Ver, também, a abordagem feminista no texto (em francês): Falquet, Jules. « Corps-territoire et territoire-Terre » : le féminisme communautaire au Guatemala. Entretien avec Lorena Cabnal », *Cahiers du Genre*, vol. 59, no. 2, 2015, pp. 73-89.

# GENgiBRE

- Ver um exemplo de aplicação (com foco na saúde): “Póster ‘Cuerpo-Territorio’. 10 problemáticas socio ambientales en la Argentina y Sudamérica, y sus graves consecuencias em la salud”, disponível em: <https://violencia-economica.rosalux-ba.org/cuerpo-territorio/>

## 1.2 Para quê?

O instrumento permite captar a forma como os conflitos socioambientais e as respostas das agricultoras nos territórios atravessam seus corpos e como elas assim os representam, constituindo uma forma de imbricação socioambiental. Incorpora sua relação com o território: os efeitos dessa relação sobre elas, através do corpo, e a mobilização do corpo para construir respostas.

## 1.3 Como fazer?

- Planejar a atividade com o coletivo de agricultoras. Idealmente, todas as agricultoras que participaram da pesquisa de nível 1 devem estar presentes. É desejável que outras agricultoras também participem.
- Etapas e roteiro: ver abaixo.
- Pedir autorização para gravar e fotografar.
- Equipe: duas ou três pessoas, sendo uma para facilitar a atividade, ler o texto, escrever e organizar as tarjetas, e outra para fazer os registros em caderno de campo, identificando as citações, e os registros fotográficos e de áudio.
- Material: folhas A0 e A4; canetas de ponta grossa coloridas; giz de cera; adesivos.
- Duração estimada: 01 período (manhã ou tarde).

## 1.4 Como registrar?

- Registro do processo de elaboração, das discussões em caderno de campo + gravação + registro fotográfico.
- Formato dos dados: .doc/.pdf, .jpg, .mp3.

## 2 Roteiro

### 2.1 Introdução da atividade

- Pensar no corpo como o primeiro nível do território, ideia de território vivido.
- Objetivo: construir uma visão coletiva do corpo-território a partir das experiências pessoais.
- Explicar o foco duplo, oferecendo exemplos de problemas socioambientais e de respostas (práticas, resistências, mobilizações etc.) e das diferenças possíveis entre mulheres e homens – por exemplo, experiência das mulheres indígenas guatemaltecas em defesa do corpo-território e do território-terra. Elas denunciaram os ataques ao território por parte de empresas mineiras, mas insistiram sobre o fato de que as mobilizações em defesa da terra não podem fechar os olhos sobre as violências contra as mulheres nesse mesmo território: é uma incoerência. Essas violências de gênero devem ser denunciadas e o corpo das mulheres deve ser entendido como objeto de poder político e de luta para a emancipação.

### 2.2 Conexão com corpo e território

- Desenho do corpo de uma mulher na folha em branco (contorno, cor, idade, estética, roupa etc.).
- Momento de conexão com o corpo, com os problemas e respostas socioambientais do território e com a experiência como mulheres (olhos fechados, texto, música de fundo).
- Leitura do texto:

Já de olhos fechados, pense no corpo que desenhamos no centro do círculo, pense que aquele corpo é o seu corpo.

Às vezes, a correria é tão grande na sua vida, que você não tem tempo de sentir você, sentir seu corpo, o que ele diz.

É a partir do nosso corpo que podemos experimentar a vida. Sinta, com carinho e atenção, o corpo que te permite estar aqui hoje... O corpo que te permite sorrir, te permite falar e te permite sofrer.

Pense nos seus pés, que te permitem levantar todos os dias, pés que sentem o chão, que estão sempre próximos da terra.

Pense nas suas pernas, que te sustentam, que permitem você caminhar por aí, conhecer lugares e chegar aonde quer.

# GENgiBRE

Pense nos seus braços, que te permitem abraçar e trabalhar... Que podem estar abertos para sentir melhor o vento.

Pense no seu peito, no seu coração, partes que às vezes estão pulando de alegria, às vezes apertadas de angústia.

Seu estômago, sua barriga, o que dá para sentir?

Pense na sua cabeça, onde passam todos os pensamentos... A parte que te permite refletir sobre a vida.

Pense nas suas mãos... Mãos que te permitem plantar, colher, cuidar e ser cuidada...

Cada parte sua sente... Sua cabeça, pernas, braços, útero, costas, peito, garganta, mãos, tudo sente...

Tudo o que acontece com você, tudo o que acontece em volta de você, seu corpo sente.

A cada injustiça, uma parte dói. Cada vez que destroem a natureza, você sente. O que te dói? Onde te dói?

A cada respiro de força e resistência, você também sente... Onde você sente?

O que sente de bom? O que sente de ruim?

Sendo mulher, o que você acha que sente diferente?

## 2.3 Tradução em tarjetas

Este momento é organizado por rodadas temáticas. Para cada momento é sugerido o número máximo de 03 tarjetas por participante.

*1º momento: Problemas socioambientais (uma cor; por exemplo: amarelo) e seus efeitos no corpo*

Cada participante escreve sobre até 03 problemas que sente em determinada parte do corpo.

Socialização, explicando como e por quê cada problema é sentido em determinada parte do corpo. A ideia é sempre relacionar com a experiência pessoal, evitando falas muito abstratas. Esses efeitos podem ser físicos (dores, doenças etc.), emocionais (medo, angústia em relação a uma ameaça, por exemplo, a mineração chegando), psicológicos (tristeza etc.), comportamentais (evitar algumas partes do território, mudar de rota, de hábitos de trabalho etc.). As tarjetas são colocadas no pôster. Em cada rodada, as mulheres expõem uma tarjeta. Assim, há, a princípio, 03 rodadas.

*2º momento: Relações de gênero (uma cor; por exemplo: roxo)*

# GENgiBRe

Mesma metodologia. Antes de começar a escrever nas tarjetas, a equipe pode destacar as violências contra as mulheres (sentidas no corpo) e o trabalho específico das mulheres (também sentido no corpo) que se relacionam com os problemas e as respostas já expostos. Ressaltando que pode haver aspectos tanto positivos quanto negativos.

*3º momento: Respostas – práticas, resistências, mobilizações – socioambientais (uma cor; por exemplo: verde)*

Mesma metodologia. Antes de começar a escrever nas tarjetas, a equipe pode dar destaque à agroecologia, não descartando outros tipos de respostas.

Observação: se algumas mulheres levaram elementos do território (plantas etc.), podem, nessa etapa, colocar no mapa, na parte do corpo relacionada.

## **2.4 Reflexão final**

Roda de conversa sobre:

- como foi fazer o exercício;
- características coletivas das experiências pessoais, rumo à politização. A equipe pode colocar suas percepções ao final.

GENgiBRe

## Nível 3 – Nos espaços de construção dos territórios



3 <https://www.youtube.com/embed/9COEuT4nFg> 90% ☆

**cba** **Audiência Pública** 33:06

Projeto de Produção Sustentável de Bauxita na Zona de Mata  
Processo LACIS 8/PJ COSAM nº 33.84/2019/001/2019

### Avaliação Ambiental Integrada AAI

DEFINIÇÃO DE OBRAS/USOS

Fragilidades Socioambientais

Potencialidades Socioambientais

Modelagem Sensibilidade X Impactos

Avaliação de Impactos Ambientais Cumulativos e Sinérgicos

Sensibilidade dos aspectos físicos

Sensibilidade dos aspectos bióticos

Sensibilidade dos aspectos socioeconômicos

Diagnóstico de Dados Secundários

Diagnóstico de Dados Primários

Diagnóstico Ambiental Integrado

Indicadores de Impacto dos Aspectos Físicos

Indicadores de Impacto dos Aspectos Bióticos

Indicadores de Impacto dos Aspectos Socioeconômicos

Avaliação de Impactos Cumulativos e Sinérgicos

Companhia Brasileira de Alumínio

## Pesquisa documentária, observação e entrevistas

### 1 Apresentação

#### 1.1 O quê?

Três instrumentos de observação dos “espaços de construção do território” que podem ser usados de forma complementar.

Os “espaços de construção do território” são os espaços em que as questões socioambientais e as relações de gênero que atravessam os territórios vividos pelas agricultoras (níveis 1 e 2) são debatidas ou disputadas e onde projetos feministas de transformação social podem surgir.

Observação: os espaços de nível 3 podem ser diferentes e mais amplos que os de nível 2. Por exemplo, o espaço do projeto Conexão Mata Atlântica, que afeta vários grupos ou coletivos de agricultoras nos municípios do Vale do Ribeira e de Minas.

Trata-se de identificar:

- Quais questões socioambientais são disputadas no território, por quem e como (quais paradigmas, relações de poder etc.);
- Como as relações de gênero são disputadas no território, por quem e como, em particular na interseção com as questões socioambientais;
- Quais projetos feministas de transformação social surgem (ou não) no território, quem são as atrizes (ou atores), e como se relacionam com as questões socioambientais.

Os três instrumentos usados nesse nível são:

- a **observação** dos espaços de construção do território;
- a **entrevista** com interlocutores-chave;
- a **coleta documentária**.

Compartilham dos mesmos eixos de análise, resumidos no roteiro abaixo.

## 1.2 Para quê?

Esses dados servem para contextualizar as outras observações da pesquisa: como a construção de território em diferentes níveis interage com o trabalho e a vida das agricultoras agroecológicas no nível local, com seus processos de organização e com sua relação com a natureza.

Observação: a pesquisa de nível 3 é, então, “funcional” à compreensão dos níveis 1 e 2. **O objetivo não é mapear todo o contexto territorial.**

## 1.3 Como fazer?

- Identificar os documentos, espaços e interlocutores-chave.

Essa identificação pode surgir dos níveis 1 (por exemplo, a partir dos impactos socioambientais observados no nível local) e 2 (espaços importantes de construção do território ou atrizes/atores-chave identificadas/os pelas agricultoras).

É importante pensar, também, que existem espaços de construção do território em que as mulheres **não estão presentes ou para os quais não foram convidadas**, mas que precisam ser observados.

Pode haver pessoas do poder público que têm contato com grandes empresas e outros informantes, ou acadêmicos que podem ajudar a identificar os espaços e as pautas em disputa no território ou as pessoas a serem entrevistadas.

- Definir a ordem de observação – priorização, ordem lógica em função do acesso à documentação, interlocutoras/es, espaços e à fase da pesquisa de nível 3: exploração, precisão, aprofundamento.
- Aplicação do instrumento – ver roteiro e especificações por instrumento abaixo.
- Em alguns casos (reuniões virtuais, entrevistas via Skype/Zoom etc.), é possível realizar pesquisa online.
- Equipe: quando possível, uma dupla para completar as observações e enriquecer a análise.
- Gravação e fotografias, sempre que possível.

## 1.4 Como registrar?

- **O relatório deve responder às perguntas do roteiro.**

Pode incluir, também, novas pistas a seguir (novo espaço a observar, interlocutor-chave a entrevistar, documento a ler).

# GENgiBRe

- A gravação é usada para complementar as anotações e para resgatar citações.
- Formato dos dados: formato texto (.docx ou .odt) + formato áudio (.mp3 ou outro, gravação).  
Formato foto (.jpeg, ...) e vídeo (.mp3...), se houver.

## 2 Roteiro

### 2.1 Concepções e narrativas sobre o território

- Como o território é apresentado, quais problemas e atrizes/atores são consideradas/os relevantes (ou não: ausências).
- Escala em que o território é abordado/disputado.
- Narrativas/concepções sobre meio ambiente (quais palavras, paradigmas/valores, propostas/ações etc.).
- Concepções/narrativas sobre gênero e outras relações de poder (raça, classe, etnia etc.) (quais palavras, paradigmas/valores, propostas/ações etc.).
- Projetos feministas.
- Articulação entre a questão ambiental e as relações sociais (gênero, raça, classe etc).

### 2.2 Problemas/conflitos socioambientais

- Quais problemas ou conflitos são identificados e por quê; percepção do objeto e da história desses problemas/conflitos (por exemplo, poluição, destruição, limitação no acesso a bens naturais ou à terra, monocultura, mineração, demarcação etc.).
- Percepção das/os principais atrizes/es, organizações, coletivos envolvidos (direta ou indiretamente).

### 2.3 Formas de controle e de ação no território

- Projetos, organização, formas de ação no território;
- fiscalização, normas legais e sua aplicação real;
- formas violentas, não negociadas, extrajudiciais;

# GENgiBRe

- tecnologias (georeferenciamento, drones; tecnologias alternativas etc.) utilizadas para controlar/construir o território;
- outras formas de ação ou de controle.

Observação: podem surgir formas “negativas” de controle do território, que visam sua exploração, mas, também, formas “positivas”, que visam sua defesa em uma visão de justiça socioambiental.

## 2.4 Participação e relações de poder dentro dos espaços de construção do território

- Critérios formais e/ou informais de participação.
- Participação efetiva (mulheres/homens, quais grupos sociais, quais organizações, restrições relacionadas à classe, raça, gênero).
- Papéis de gênero (participação diferenciada entre mulheres e homens).
- Lutas e relações de poder nos espaços de construção do território e no próprio território.

Observação: estes eixos devem ser sempre adaptados à interlocutora/ ao interlocutor e à situação (ordem, forma de perguntar, perguntas que não se aplicam, perguntas adicionais).

## 3 Especificação adicional por instrumento

### 3.1 Pesquisa documental

- Pode ser aplicada a páginas *web* de organizações, empresas, projetos, programas de governo, artigos de imprensa ou científicos, entrevistas com as atrizes e os atores sociais etc.
- É importante identificar precisamente o documento (referência bibliográfica, endereço eletrônico, nome da organização/projeto/pessoa, função etc.).
- O registro pode ser estruturado da seguinte forma:
  - identificação do documento;
  - apresentação (resumo) do documento;
  - análise transversal (por temas do roteiro);
  - pistas a seguir.

## 3.2 Observação

- Pode ser aplicada a diferentes tipos de espaços de construção do território, tais como reuniões, seminários, audiências, rodas de conversa, encontros, marchas etc. Pode haver espaços virtuais (webinários, reuniões online etc.).
- A observação pode ser participante (por exemplo, em reuniões da AMA ou APA, da MMM), ou não.
- É importante identificar precisamente o tipo de espaço e as/os participantes (ver abaixo).
- O registro pode ter as seguintes seções:
  - Contexto e participação:

Tipo de espaço (institucional, político, científico, reunião, colóquio, conferência, debate etc.) e contexto.

Como entramos nesse espaço (contato de quem? Papel no espaço? Alguma dificuldade pela nossa presença?).

Participantes (nomes, sexo, organizações e forma de se apresentar – como militante, acadêmica/o, sindicalista?).
  - Resumo (conteúdo da reunião).

Observação: As seguintes informações podem ser destacadas:

Quem faz a mediação e/ou a introdução e como - quais temas e termos escolhidos para apresentar.

De forma geral, quem fala e como?

Em particular, como é participação das mulheres: elas falam, quais mulheres falam, suas falas são valorizadas?

- Análise transversal (por temas do roteiro).
- Pistas a seguir.

## 3.3 Entrevista com interlocutoras/interlocutores-chave

- Pode ser aplicada com diferentes tipos de interlocutoras/es (lideranças sociais, gestores públicos, representantes de empresas, acadêmicos etc.).
- A entrevista pode acontecer em três momentos:
  - Apresentação da equipe e do projeto.

# GENgiBRe

Nesse momento, abordar a questão da proteção dos dados pessoais – possibilidade de anonimizá-los ou não – e checar se a pessoa considera a entrevista como um posicionamento público.

Pedir autorização para gravar – para uso interno.

- Identificação (perfil) da pessoa:
  - Nome<sup>24</sup> ou pseudônimo;
  - Sexo/gênero;
  - Identidade sociocultural (negra, parda, branca, indígena, quilombola, outra), lugar de moradia – se relevante;
  - Trabalho/profissão;
  - Organização/empresa na qual trabalha – se houver;
  - Participação política (sindicato, movimento, partido etc.) – se houver;
  - Qualquer outro dado relevante de identificação.
- Eixos do roteiro adaptados à pessoa (ordem das perguntas, forma contextualizada de perguntar, perguntas que não se aplicam, outras perguntas precisas etc.).
- O registro pode ter as seguintes seções:
  - Identificação da pessoa;
  - Resumo da entrevista (na ordem que aconteceu, pode incluir citações e depoimentos fora do roteiro);
  - Análise transversal (por temas do roteiro);
  - Outros aspectos relevantes – se houver;
  - Pistas a seguir.

---

<sup>24</sup> Caso a pessoa concorde com uso no nosso banco de dados – não necessariamente para divulgação.

## Caravana agroecológica e feminista

### 1 Apresentação

#### 1.1 O quê?

Uma atividade coletiva, realizada com um grupo de participantes, prioritariamente mulheres. Estas se deslocam por um território em grupos organizados por rotas, para compreender os problemas socioambientais, as respostas construídas frente a esses problemas e as relações de poder que estruturam o território.

- A definição do território depende dos problemas e conflitos socioambientais e das respostas sobre as quais pretende-se refletir e agir. Pode se estender por diferentes comunidades, municípios e mesmo regiões.
- Privilegiando a participação das mulheres (agricultoras, militantes, estudantes e pesquisadoras), a Caravana agroecológica e feminista envolve também diferentes sujeitas e sujeitos políticos do território visitado, mulheres e homens, como integrantes de sindicatos, cooperativas, movimentos sociais, associações, redes de coletivos populares, grupos produtivos.
- Na Caravana são realizadas visitas que permitem contato direto, reflexivo, afetivo, e mesmo espiritual, com experiências de ameaças e violências aos territórios, mas também de resistências e respostas produzidas, primando-se por visibilizar aquelas vinculadas ao campo agroecológico e protagonizadas por mulheres em uma perspectiva de transformação de realidades de violência, opressão e discriminação vividas por elas.

#### 1.2 Para quê?

As caravanas agroecológicas<sup>25</sup> foram metodologias construídas no seio do movimento agroecológico no Brasil, como um processo de mobilização e fortalecimento de redes territoriais, regionais e estaduais. Assim, a Caravana tem o objetivo de divulgar e compartilhar experiências de agroecologia e seus processos de resistências locais e em rede.

A partir desse movimento, a Caravana agroecológica e feminista visa gerar mudanças ou afirmar os modos de produção da vida e da ação política feminista e agroecológica nos territórios. Ao se centrar na participação das mulheres e suas lutas contra o patriarcado, o racismo e o capitalismo, a Caravana agroecológica e feminista permite que essas sujeitas historicamente silenciadas se expressem e construam seu próprio conhecimento sobre o território.

---

<sup>25</sup> Ver referência em: “O legado das Caravanas Agroecológicas - ENA - Encontro Nacional de Agroecologia”, <https://enagroecologia.org.br/2014/03/28/o-legado-das-caravanas-agroecologicas/>

# GENgiBRe

- Ao conhecer outras experiências, por vezes em realidades sócio-históricas e políticas diferentes daquelas nas quais estão inseridas as mulheres, a Caravana aporta uma série de novos elementos para compreensão da multiplicidade de formas como por exemplo o agronegócio, a mineração, as unidades de conservação, o Estado e outros agentes atuam nos territórios.
- Desse modo, contribui para ampliar e afinar as percepções das e dos participantes sobre processos em curso nos seus próprios territórios e modos possíveis de produzir respostas autodeterminadas, a partir das lutas das mulheres por uma sociedade mais justa e igualitária na sociedade e em suas organizações.
- Neste mesmo movimento, as vivências na Caravana permitem colocar em questão as próprias experiências nos territórios onde vivem as participantes. Assim, ampliam-se olhares críticos e são acessados e produzidos novos conhecimentos que podem contribuir nas resistências, como conhecimentos sobre manejo agroecológico e sobre formas de organização e incidência políticas produzidas em outros territórios, a partir ou com a participação ativa das mulheres do campo agroecológico, bem como outros agentes do campo popular.
- As e os parceiras locais, como as pessoas integrantes das comunidades e organizações que recebem a Caravana, podem convidar atores locais, como autoridades políticas ou gestores públicos, para participar do debate. Dessa forma, a Caravana atua como um espaço de incidência política sobre questões do território, usando experiências, dados e análises trazidos pelas agricultoras, militantes e pesquisadoras.
- Pela sua natureza, em meio aos deslocamentos, visitas e pernoites, a Caravana é também espaço pulsante de criação de laços de afetos e de amizades, criando lugares e tempos para trocas sobre diferentes temas que envolvem as vidas e militâncias das mulheres.

## 1.3 Como fazer?

- A primeira etapa da organização da Caravana é mapear as experiências e organizações do território. Nessa base, é feita a comunicação com organizações e pessoas parceiras para definir as experiências a serem visitadas, o enfoque que será dado nas visitas, os locais onde o grupo irá pernoitar, a alimentação.
- Geralmente, a Caravana inclui momentos nos quais todo o grupo está reunido e momentos nos quais as participantes se dividem em dois ou mais grupos. É importante formar grupos de um tamanho que cada comunidade ou organização que receberá a visita possa atender, geralmente entre 20 e 30 pessoas.
- Os caminhos que cada grupo irá percorrer são denominados rotas. Estas rotas podem ser nomeadas para ajudar na organização dos grupos e fomentar a construção de identidades. Por exemplo, uma das rotas da Caravana do projeto GENgiBRe em comunidades ameaçadas pela mineração do Vale do Ribeira foi batizada de rota “Berta Cáceres”. Berta Cáceres foi uma liderança indígena de Honduras que lutou contra a construção de uma barragem hidroelétrica pela empresa DESA no Rio Gualcarque.

# GENgiBRE

- A Caravana tem sempre um ponto de partida e um ponto de chegada comum para as rotas nos territórios, momentos nos quais todas as participantes estão juntas e compartilham o que observaram, perceberam e sentiram em suas rotas.
- As visitas da Caravana são iniciadas acolhendo o grupo completo de participantes, que são, posteriormente, divididas nas rotas. Cada grupo se dirige ao transporte (por ex. van ou ônibus) que faz o percurso da sua rota.
- A metodologia das visitas é inspirada nos intercâmbios agroecológicos<sup>26</sup>, que são momentos de trocas nos quais, em um dado local, as/os anfitriãs/ões recebem o grupo, apresentam sua experiência e o grupo dialoga sobre ela, ao longo da visita.
- Além das visitas, podem ser realizadas rodas de conversas, debates, encontros com pessoas dos territórios que têm relação com os temas de interesse do grupo (lideranças sindicais, de movimentos sociais, grupos, organizações).
- A Caravana termina com as rotas reunidas, quando é realizada a partilha das visitas e produzidas as sínteses coletivas e os encaminhamentos a partir dos relatos compartilhados.
- A Caravana pode ter duração de três ou mais dias, a depender dos seus objetivos e, sobretudo, observando as possibilidades das participantes.
- Na Caravana agroecológica e feminista, a alimentação e os cuidados são práxis centrais. Assim, orienta-se dar preferência para alimentação agroecológica e produtos da economia solidária, preferencialmente, produzidos por mulheres. É necessário garantir que os tempos sejam factíveis e não exaustivos para as participantes, bem como dar atenção a momentos de lazer e aos lugares de descanso, em especial, as pernoites. Os cuidados também podem se expressar na atenção para as limitações ou necessidades de cada participante, no zelo com a saúde individual e coletiva, na cautela com a natureza, os animais e as pessoas encontradas nesse percurso.

## 1.4 Como registrar?

- Um instrumento importante para o registro individual é o Caderno da Participante<sup>27</sup>. Neste caderno, além de uma breve contextualização das experiências a serem visitadas por rota, estão presentes o mapa das rotas e espaços para registros.
- Para os registros mais gerais das atividades, duas ou mais pessoas, geralmente estudantes ou pesquisadoras, ficam responsáveis por realizar anotações que serão organizadas como memórias e sínteses das visitas. Nas Caravanas do projeto GENgiBRE, os registros incluíram 3 seções: 1) relato cronológico detalhado da atividade; 2) identificação dos debates centrais; 3) resumo dos pontos destacados no momento da partilha. Incluímos fotos e o perfil das e dos participantes nos anexos.

---

<sup>26</sup> AMORIM, Renata Vilete de; RUFINO, Maria Abigail, SOUSA, Wilian Ivan de; AMORIM, Gilvânia Domiciano; CARLESSO, Anacleto. Intercâmbios agroecológicos para a promoção de aprendizados coletivos. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

<sup>27</sup> A modo de exemplo, o Caderno da Caravana do projeto GENgiBRE na Zona da Mata está disponível na biblioteca digital do CTA: <https://ctazm.org.br/biblioteca/categoria-caravanas-agroecologicas-45>

# GENgiBRe

- Registros fotográficos: nas Caravanas do projeto GENgiBRe, registros fotográficos foram feitos por comunicadoras e disponibilizados às participantes por meio de uma pasta virtual em um drive. Também foi criado um grupo de WhatsApp nos quais as participantes compartilhavam suas fotografias, formando um registro coletivo das vivências e uma troca dos diferentes olhares e percepções das visitas.
- Vídeo e áudio: a Caravana pode ser registrada em áudio e vídeo. No projeto GENgiBRe, comunicadoras produziram um vídeo-documentário da Caravana na Zona da Mata Mineira e uma série de três *podcasts* a partir da Caravana no Vale do Ribeira<sup>28</sup>.

## 2 Roteiro

A Caravana se realiza em três grandes momentos: (1) o abre caminhos (planejamento), (2) as visitas e (3) a celebração e a avaliação.

### 2.1 Abre caminhos

Chamado “abre caminhos”, o planejamento da Caravana envolve a apresentação e o diálogo, junto mulheres participantes da pesquisa, da organização ou movimento e das comunidades ou organizações parceiras, sobre o desenho inicial, o tema e os objetivos da Caravana. Após um mapeamento coletivo das experiências a serem visitadas, são definidas as rotas e como se dará cada um dos momentos. Em conexão com seus temas e objetivos, metodologicamente a Caravana opera com as categorias denúncias e anúncios (Freire, 2016), no GENgiBRe nomeados ameaças socioambientais e respostas das mulheres e suas organizações. Portanto, a definição das visitas deve seguir esta orientação.

As parcerias nos territórios são imprescindíveis. Além de apoiarem na definição das visitas, não raro indicando essas experiências, ajudam nos contatos com as pessoas e organizações que participarão das atividades e em aspectos ligados à estrutura, em especial, alimentação e hospedagem. Assim, geralmente auxiliam na compra dos alimentos, no contato com cozinheiras, na definição e mediação dos contatos dos locais onde será feita a pernoite das participantes. Como conhecedoras do local, podem apoiar na indicação dos melhores trajetos para as vans ou ônibus e dizer, com mais precisão, sobre os tempos gastos entre as visitas, informações de grande importância para o bom andamento da programação da Caravana.

### 2.2 Visitas

No primeiro momento da Caravana reúne-se o grupo de participantes. A roda pode ser iniciada com uma mística, preparada pelas organizações anfitriãs que pode ser seguida por uma breve apresentação de cada uma das pessoas. Na roda, apresenta-se a Caravana, seus objetivos, a forma

---

<sup>28</sup> Material disponível no site do projeto GENgiBRe: <https://gengibre.org/o-cta-zm-publica-um-video-sobre-conflitos-socioambientais-e-resistencias-na-zona-da-mata-e-leste-de-minas/> e <https://gengibre.org/lancamento-do-podcast-conflitos-socioambientais-do-territorio-sao-narrados-por-mulheres-do-vale-do-ribeira-e-da-zona-da-mata/>.

# GENgiBRe

como estará organizada. As pessoas são divididas em grupos, cuja quantidade corresponde ao número de rotas (por exemplo, se forem duas rotas, formam-se dois grupos).

A atividade seguinte é a saída para as visitas. Já nos grupos, as pessoas se dirigem aos veículos destinados às suas respectivas rotas e iniciam os traslados até os locais visitados. Cada visita tem uma natureza diferente sendo necessárias metodologias específicas para a mediação desses espaços, bem como os tempos dispendidos em cada uma delas. Como ponto em comum, as visitas são guiadas por uma pessoa ou dupla responsável por apresentar a experiência e relatar pontos que consideram relevantes. Podem também propor atividades, como caminhadas e mutirões.

Ainda que questões e reflexões sejam realizadas ao longo das visitas, é central que na sequência da visita, as pessoas tenham um momento mais sistemático para partilhar suas impressões, percepções e aprendizagens. As partilhas são momentos de elaborações individuais e coletivas. Como espaço de reflexões, tem-se como intencionalidade trazer novas ideias, gerar inquietações e reposicionamentos diante das realidades vivenciadas pelas participantes.

Nestes espaços de socialização, a mediação tem papel importante para mobilizar as pessoas para exporem suas opiniões, garantir equilíbrio nos tempos de fala e ajudar na construção das sínteses coletivas. Um instrumento que pode ser usado para ajudar participantes com possíveis dificuldades de falar em público, comum entre as mulheres, em especial as agricultoras, é a escolha de um elemento (planta, objeto...) durante a visita, para que ela inicie sua fala. Os Círculos de Cultura (ver nota de rodapé nº 6) são também boas opções. De maneira sintética, nessa metodologia apresenta-se uma questão, ou tema gerador, em torno do qual será feito o debate. Estes momentos de reflexões coletivas, acompanhando as visitas, são fundamentais para qualificar as experiências a partir das visitas.

Como parte dos encontros ao longo da Caravana podem ser realizadas rodas de conversa com lideranças, visitas a feiras e participação em atividades culturais e religiosas dos municípios e comunidades visitadas, além de exibição de filmes. Enfim, vivências que tragam aprendizagens e momentos de alegria, cuidados, novas experiências para as participantes que estejam em diálogo com os temas e objetivos estabelecidos na caravana.

## **2.3 Celebração e avaliação**

Ao final da Caravana, os grupos se reúnem novamente e partilham a experiência das rotas. Mais uma vez, a partilha pode se dar a partir de elementos coletados nas visitas ou por meio de outras metodologias que provoquem as participantes a expressarem publicamente suas vivências e reflexões, como os Círculos de Cultura. Grupos menores de discussão, a partir de temas específicos, são boas opções para garantir a participação maior e mais efetiva das mulheres. A partir das partilhas, novos conhecimentos são gerados e são produzidos encaminhamentos. No momento da avaliação, é importante acolher falas sobre aspectos diversos da Caravana, incluindo aspectos relacionados às opções metodológicas, alimentação e estrutura.